



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

TATIANA RAMOS DE OLIVEIRA

**A PERCEÇÃO DE CRIANÇAS, FILHAS DE PAIS EM PROCESSO DE
SEPARAÇÃO CONJUGAL A RESPEITO DA SEPARAÇÃO.**

PALHOÇA

2009

TATIANA RAMOS DE OLIVEIRA

**A PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS, FILHAS DE PAIS EM PROCESSO DE
SEPARAÇÃO CONJUGAL A RESPEITO DA SEPARAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade do Sul de
Santa Catarina, como requisito parcial à
obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Leandro Castro Oltramari, Dr.

Palhoça
2009

TATIANA RAMOS DE OLIVEIRA

**A PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS, FILHAS DE PAIS EM PROCESSO DE
SEPARAÇÃO CONJUGAL A RESPEITO DA SEPARAÇÃO.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado,
adequado à obtenção do título de Bacharel em
Psicologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de
Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 21 de junho de 2010

Prof. e orientador Leandro Castro Oltramari, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Anita Bacellar, Dra
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Deise Nascimento, Dra
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho aos meus pais, Moahir Ramos de Oliveira e Eliana Maria de Oliveira, por tudo que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, por tudo que me ensinaram na vida, pelo incentivo em todos os momentos e por nunca me deixarem desistir, independente da situação encontrada.

Aos meus irmãos, por todo apoio na pesquisa, colaboração, trocas de experiências. Todo carinho e atenção com a mana.

A minha amiga Beth, maior companheira da pesquisa, pela sua presença em literalmente todos os momentos incluindo diversas madrugadas, a sua paciência e incentivo nos momentos difíceis e seu contentamento nas conquistas. Obrigada amiga.

Ao meu orientador Leandro, se não fosse toda sua colaboração, atenção e paciência de grande mestre, a pesquisa não chegaria ao fim. Seu jeito de ser, sua presença animou momentos difíceis das orientações.

Gostaria de agradecer também as Professoras Anita Bacellar, por sua dedicação e amizade e a Professora Deise Nascimento, por aceitarem participar desse momento de realização como Banca da pesquisa.

As minhas melhores e eternas amigas, Alice, Marina, Flaviza e Silvia por suas amizades e por compreender as freqüentes ausências no último semestre.

Aos amigos do “Também querooo”, companheiros, animados, ciumentos, engraçados e muito atenciosos, agradeço por entenderem a ausência em diversos momentos importantes.

As meninas do prédio, que considero amigas, irmãs, parceiras, compreenderam também a ausência nos “encontros”.

Aos amigos do “terceirão” que sempre se fizeram presentes em momentos importantes, os melhores amigos que uma mulher pode ter.

Aos colegas da faculdade, como meu grande amigo Rud Cunha, que esteve presente nos momentos mais importantes sempre com seu jeito carinhoso e atencioso. Obrigada meu querido!

E a todos aqueles que participaram da pesquisa, direta ou indiretamente complementando a pesquisa, como o Rô, que teve auxílio direto na organização da apresentação e das finalizações do trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa refere-se à percepção que as crianças filhas de pais em processo de separação conjugal têm a respeito da separação e tem como objetivo principal compreender a percepção das crianças, filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação. Para auxiliar a busca dessa compreensão, têm-se como objetivos específicos da pesquisa: Identificar como as crianças vivenciam o processo de separação conjugal de seus pais; caracterizar os sentimentos relatados pelas crianças no processo de separação conjugal de seus pais e descrever como a criança relata o seu cotidiano a partir da separação dos pais. Essa pesquisa é classificada como exploratória e qualitativa. Utilizou-se como delineamento o estudo de campo. A coleta de dados foi realizada através do Desenho da Família e entrevista fenomenológica realizados após o término dos desenhos. Foram sujeitos dessa pesquisa sete crianças, sendo quatro meninos e três meninas, de quatro a nove anos de idade, filhas de pais em processo de separação conjugal em um fórum. Para realização da análise, foram criadas categorias e subcategorias a partir das falas dos entrevistados, essas foram relacionadas ao referencial teórico da pesquisa. Ao final desse processo foi possível compreender que as crianças percebem a separação de seus pais, como um processo de mudanças, o qual afasta o familiar da residência, conseqüentemente amplia as responsabilidades de quem obtêm a guarda. As crianças percebem também nas alterações da separação, que os pais tornam-se mais ocupados, não tendo tanto tempo para estar com eles.

Palavras-chave: Separação Conjugal, Infância, Família

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados.....	28
Tabela 2 - Identificar como as crianças vivenciam o processo de separação conjugal de seus pais.....	35
Tabela 3 - Caracterizar os sentimentos relatados pelas crianças no processo de separação conjugal de seus pais.....	43
Tabela 4 - Descrever como a criança relata o seu cotidiano a partir da separação dos pais.....	49

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 – Pedro.....	68
Desenho 2 – Bernardo.....	69
Desenho 3 – Daniel.....	70
Desenho 4 – Gabriel.....	71
Desenho 5 – Julia.....	72
Desenho 6 – Rachel.....	73
Desenho 7 – Marina.....	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 TEMA.....	11
1.2 PROBLEMÁTICA.....	11
1.3 JUSTIFICATIVA.....	14
1.4 OBJETIVOS.....	16
1.4.1 Objetivo Geral.....	16
1.4.2 Objetivos Específicos.....	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 SEPARAÇÃO CONJUGAL E FAMÍLIA.....	17
2.2 SEPARAÇÃO CONJUGAL E INFÂNCIA.....	21
2.3 ALIENAÇÃO PARENTAL.....	25
3 MÉTODO.....	27
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	27
3.2 PARTICIPANTES.....	27
3.3 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS.....	29
3.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE.....	30
3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	30
3.6 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	31
3.7 PROCEDIMENTOS.....	31
3.7.1 Coleta e registro dos dados.....	32
3.7.2 Organização, tratamento e análise de dados.....	33
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	34
4.1 A VIVENCIA DAS CRIANÇAS NO PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL DE SEUS PAIS.....	34
4.2 SENTIMENTOS RELATADOS PELAS CRIANÇAS NO PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL DE SEUS PAIS.....	42
4.3 O RELATO DA CRIANÇA NO SEU COTIDIANO A PARTIR DA SEPARAÇÃO DOS PAIS.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
ANEXOS – Desenhos da Família.....	67
APÊNDICES.....	75
APÊNDICE A – Entrevista Semi-Estruturada.....	76
APÊNDICE B – Termo de Consentimento.....	77
APÊNDICE C – Termo de consentimento da gravação.....	79

1. INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa é requisito para a formação em Psicologia. O projeto de mediação Familiar está vinculado ao núcleo da saúde em um Fórum da grande Florianópolis. Esta pesquisa tem como objetivo compreender a percepção de crianças, filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação. Essa compreensão apresentada pelas crianças é fundamental para que os profissionais da psicologia possam buscar a melhor forma de amenizar o possível sofrimento das mesmas.

Esta pesquisa configura-se da seguinte forma: problemática, que se propõe a contextualizar a separação conjugal e a criança; em seguida vem à justificativa, que visa demonstrar a relevância social e científica da pesquisa, explicando a importância da mesma; objetivos geral e específicos; fundamentação teórica, onde se discutem os conceitos de separação conjugal e família; separação conjugal e infância e Alienação Parental, que serão base para a análise das informações coletadas, posteriormente encontra-se o método, que explica o procedimento de coleta de dados e a análise dos dados obtidos. Em seguida vem a análise realizada a partir das intervenções com as crianças e por último as considerações finais, onde são apresentados os resultados finais da pesquisa e apresentadas novas idéias de pesquisas.

1.1 TEMA: A percepção de crianças, filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação.

1.2 PROBLEMÁTICA:

A separação conjugal é tema freqüentemente discutido, visto que o mesmo aumenta a cada ano que passa. De acordo com Troya (2000, apud ZORDAN, 2008), na França um terço dos casamentos termina em separação. Nos Estados Unidos aproximadamente 50% dos casais propõe o divórcio como solução para a insatisfação conjugal (PECK & MANOCHERIAN, 2001). No Brasil, o divórcio atingiu sua maior taxa pelo IBGE desde 1984, ao ter um crescimento superior a 200%, passando de 0,46%, em 1984, para 1,49% em 2007. Em 2007 foram realizados, 2,9% a mais de casamentos do que em 2006, porém o número de dissoluções (soma dos divórcios diretos sem recurso e separações) chegou a 231.329, ou seja, para cada quatro casamentos foi registrada uma dissolução. (IBGE, 2007).

Devido às estatísticas, o tema divórcio tem sido muito discutido, visto que o mesmo traz conflitos familiares. (CARTER & MCGOLDRICK, 1989/1995; FÉRES-CARNEIRO, 1998; DOLTO, 2003; DANTAS, JABLONSKI & FÉRES-CARNEIRO, 2004; CALABRESE, 2006; BRITO, 2007). Segundo Cloutier e Jacques (1997 apud ÁVILA, 2004), a separação conjugal, está vinculada à adaptação à família monoparental, a diminuição dos contatos entre membros da família, o aumento das responsabilidades de quem fica com a guarda da criança e a possível chegada de novos membros no contexto de nova união conjugal.

Após o divórcio, a família passa a ter uma nova configuração familiar e se mantém como organização, deixa de existir a família configurada como

pai, mãe e filho, permanecendo apenas o compromisso paternal (NAZARETH, 2004). Brito (2007, p. 35), concorda e acrescenta que “não há um padrão de relacionamento após a separação conjugal”. A coexistência de diferentes arranjos familiares num mesmo contexto tem modificado o conceito de família e provocado um processo de assimilação e construção de novos valores. (COSTA, 1991; COSTA & FÉRES-CARNEIRO, 1992). Segundo Wagner, Falcke e Meza (1997), essa troca de cenários implica em mudanças importantes na vivência, percepção e construção que o adolescente faz de seus aspectos sócio-afetivos e projetos de vida.

O divórcio é reconhecido por Carter & McGoldrick (1989/1995), como um grande rompimento no processo do ciclo de vida familiar, ele provoca uma crise para a família como um todo e também para cada indivíduo que a compõe. Segundo Brito (2007), quando a criança é muito nova ou bebê ainda, não há recordações do momento da separação, ficam na memória da mesma, apenas vivências pós-divórcio. Essas mudanças são acompanhadas por um conjunto complexo de sentimentos, o qual inclui muitas vezes o medo do abandono (RAMIRES, 2004). Fry (1983, apud SOUZA, 2000), afirma que as crianças possuem medo e ansiedade diante do divórcio, no sentido de ter as suas necessidades atendidas. Corneau (1995, apud DANTAS, JABLONSKI E FÉRES-CARNEIRO, 2004), afirma que o medo da intimidade, a falta de contato com os próprios sentimentos constituem-se em problemas cruciais, pois, se o ser humano não tem relação com seu pai não consegue estabelecer sua própria identidade.

Ainda a respeito das conseqüências para as crianças, para Féres-Carneiro (1998), o pior conflito que os filhos podem vivenciar, no divórcio dos pais, é quando uma das partes ou ambas exige o conflito de lealdade exclusiva, o filho lida com a crise a partir da relação que se estabelece com os pais. O primeiro momento do divórcio é vivido pelos filhos, como o período mais estressante da sua vida, pois não entendem o que esta acontecendo, mesmo que ocorram brigas dentro de casa, a criança não deseja o divórcio, a menos que vivencie uma cena de violência física (TAYBOR, 1995). Segundo Straube, Gonçalves e Centa (2003), crianças, de 7 a 9 anos, dois anos após o

divórcio dos pais identificam o conflito parental e pressentiram que o divórcio iria acontecer. Os pais não tocam no assunto da separação, acreditando que falar a respeito, perturba as crianças, que em consequência dessa falta de comunicação mantêm seus sentimentos escondidos. Os autores afirmam também que os efeitos do divórcio não são os mesmos para todos os adultos nem para todas as crianças, variando de acordo com a idade, personalidade, grupo familiar, herança, atitudes religiosas e étnicas, saúde física, situação sócio econômica e outros fatores.

Ainda a respeito da separação conjugal Pinho (2009, p.4), expõe que “desqualificar a conduta do genitor no exercício de sua paternidade ou maternidade”, omitir informações escolares, médicas ou mudanças de endereço, com intuito de “impedir” o relacionamento do filho com o outro genitor ou seus familiares são formas de alienação parental.

Não obstante o objetivo da Alienação Parental seja sempre o de afastar e excluir o pai do convívio com o filho, as causas são diversas, indo da possessividade até a inveja, passando pelo ciúme e a vingança em relação ao ex-parceiro, sendo o filho, uma espécie de “moeda de troca e chantagem”. (PINHO, 2009. p. 5).

Recentemente, em 15 de julho de 2009, o Projeto de Lei 4053/08 que dispõe sobre a Alienação Parental teve o seu substitutivo aprovado pela Comissão de Seguridade Social e Família. Passando pela Comissão de Constituição e Justiça, e sendo confirmado no Senado, seguirá para sanção Presidencial. (PINHO, 2009). Sendo a Lei de Alienação confirmada, o responsável pode receber punições desde uma multa, até a perda da guarda do filho.

Segundo Teyber (1995), as crianças que passam pelo processo de divórcio de seus pais, tendem a sofrer sintomas como: insônia, tristeza, choro,

frustrações, queda no rendimento escolar, culpa, raiva, perturbações, angustia agitação, pensamentos conflitantes, insegurança, medo de ficar sozinho, esperança de reconciliação de seus pais, tendem ainda a isolar-se, regredir para a fase anterior, ter sentimentos de rejeição, sentimentos de impotência, queixas físicas e problemas de relacionamento com os colegas.

Considerando o que foi descrito acima: o aumento de separações conjugais anualmente, as discussões realizadas devido às consequências para a criança, a aparição de uma síndrome de alienação parental. Com tudo isso, é possível perceber a relevância de responder a seguinte pergunta de pesquisa:

Qual a percepção de crianças, filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação?

1.3 JUSTIFICATIVA:

A escolha do tema, percepção das crianças a respeito da separação, é devido às observações no estágio curricular, realizadas na Mediação familiar da Vara da Família de um fórum da grande Florianópolis e devido também, a maior parte dos estudos referentes à separação, serem direcionados aos pais. É de fundamental relevância estudar a percepção das crianças, filhas de pais em processo de separação, a respeito da separação, pois assim pode ser identificada a forma que estas vivenciam este processo e verificado a melhor maneira de agir frente às mesmas perante essa situação.

Dolto (2003, p. 25),

Assinala que é essencial avisar as crianças sobre o que está ocorrendo com os pais, em qualquer fase do processo de separação destes, até mesmo quando se trata de criança com poucos meses de idade. Os filhos devem ouvir claramente as decisões tomadas pelos pais; dessa forma, estes “humanizam” sua separação.

Diante disso, é possível perceber a importância desse estudo, pois os conhecimentos adquiridos com o trabalho poderão contribuir com o conhecimento do profissional mediador, na medida em que o mesmo terá subsídios para explicitar aos familiares a importância de deixar a criança ciente do acontecido. Essa pesquisa pode também auxiliar profissionais da psicologia, ao dar subsídio para os mesmos nos trabalhos psicoterapêuticos, por exemplo, quando um casal em processo de separação procura o psicólogo, pois não sabem como explicar para seu filho infante sobre a separação. Nas escolas, também, o psicólogo poderá ter conhecimento para amparar as crianças com dificuldades, pois tem conflitos de separação em casa e na própria mediação familiar. O profissional psicólogo poderá auxiliar nas diferentes respostas emocionais das crianças que passam pelo processo de separação conjugal familiar, como: queda do rendimento escolar, ansiedade, diminuição do sono, afastamento das mesmas em relação aos pais, sentimentos de raiva e possível agressão.

Para Domenico (2006) a separação dos pais tem diversas conseqüências emocionais e psicológicas para a criança. Cachapuz (2005, p.102) complementa que “por melhor estrutura emocional que exista em uma família, quando ocorre a separação, o sofrimento é inevitável”. Diante disso é possível verificar a relevância dessa pesquisa, que tem como finalidade produzir conhecimento científico a partir da percepção das crianças a respeito da separação conjugal, podendo subsidiar os profissionais da psicologia e mediadores no esclarecimento aos pais das conseqüências para seus filhos diante da separação conjugal.

É possível verificar no estágio de mediação familiar que em separações envolvendo uma disputa por guarda de filhos, constata-se em

alguns casais, a partir de suas falas direcionadas a outra parte, a possível Alienação Parental, que é a desqualificação do outro cônjuge para a criança, ou seja, difamar o pai ou a mãe, colocar o filho contra a outra parte. Percebe-se também que os casais que buscam a mediação familiar, na sua maioria possuem filhos e estes não tem conhecimento específico do que está acontecendo. Desta forma mostra-se importante entender como a criança que vive esse processo de separação compreende-o, pois auxiliará os psicólogos no esclarecimento aos pais diante da Alienação Parental, bem como nas formas de se relacionar com seus filhos diante dessa nova situação.

A partir da escuta da criança a respeito da separação conjugal, o projeto contribuirá com o psicólogo na produção de conhecimento científico, auxiliando o profissional dentro da escola, do hospital, da sua clínica, a abordar as crianças com esta síndrome.

Então este trabalho produzirá conhecimento científico, a respeito da percepção das crianças frente às conseqüências da separação de seus pais, auxiliando os profissionais mediadores, advogados da vara da família, assistentes sociais e principalmente os familiares, o que pode ainda auxiliar/provocar novos estudos a esse respeito.

1.4 OBJETIVOS:

1.4.1 Geral:

Compreender a percepção de crianças, filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação.

1.4.2 Específicos:

- Identificar como as crianças vivenciam o processo de separação conjugal de seus pais.
- Caracterizar os sentimentos relatados pelas crianças no processo de separação conjugal de seus pais.
- Descrever como a criança relata o seu cotidiano a partir da separação dos pais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

2.1 SEPARAÇÃO CONJUGAL E FAMÍLIA:

Segundo Ramires (2004), as pesquisas atuais entendem divórcio como um processo para novas adaptações: à crise pela separação, aos novos relacionamentos amorosos dos pais, ao nascimento de meios-irmãos, mudanças nas relações íntimas, mudanças na rede social de todos os envolvidos. Nessas mudanças tem ainda o envolvimento dos sentimentos dos familiares.

A separação conjugal não acaba com a constituição familiar, apenas modifica esta configuração, o casal deixa de existir, porém continuam existindo as responsabilidades dos pais, os compromissos com os filhos (NAZARETH, 2004). Romaro e Oliveira (2008) concordam e acrescentam que a separação implica em rever os antigos modelos parentais internalizados e a forma como a pessoa foi organizando suas perdas ao longo da vida.

O divórcio é um processo que inicia com a crescente perturbação do casamento, geralmente atinge um pico na separação e no processo legal, e depois introduz vários anos de transição e desequilíbrio antes que os adultos sejam capazes de obter, ou recuperar, um senso de continuidade e confiança em seus novos papéis e relacionamentos (WALLERSTEIN; KELLY, 1998, p.14).

Segundo Caruso (1986), a separação é uma das piores dores que uma pessoa pode experimentar, devido à complexidade do processo, que é vivido em diferentes etapas e níveis. Ibrahim (1984, apud ÁVILA, 2004), identificou dez etapas que as pessoas em processo de separação passam, esclarecendo que, existem casais que atravessam as etapas de maneira linear e casais que não passam por todas as etapas. São elas: ameaça da separação e do divórcio; separação; negação; trauma associado ao procedimento legal; cólera; os jogos de sedução; depressão; isolamento; aceitação e nova vida.

O processo de separação provoca uma crise na vida do casal, podendo ser organizada, em diferentes níveis. Algumas pessoas enfrentam com mais facilidade as alterações ligadas à separação, outras tem uma dificuldade maior em lidar com as emoções que o divórcio causa (ROMARO e OLIVEIRA, 2008). Conforme Caruso (1986), durante o processo de separação os casais tem diversos pensamentos, existe o pensamento de cada sujeito da relação, o pensamento conjunto e ainda o pensamento do casal para explicitar a sociedade a respeito da separação. Dessa forma a pessoa que está em processo de separação, precisa pensar a melhor maneira de explicar essas novas situações para seus filhos, familiares e amigos.

De acordo com Schabbel (2005), o divórcio legaliza a discórdia entre o casal, a separação quando consumada pode provocar “angústias e incertezas” nas pessoas envolvidas, principalmente pais e filhos e causam ainda mudanças no cotidiano familiar. A separação, quando “mal-conduzida” pode acabar com relacionamentos futuros e até mesmo relacionamentos familiares. Wallerstein e Kelly (1998) trazem que o divórcio provoca uma mudança gradual, dolorosa e duramente conquistada na vida adulta e em

muitos casos leva anos para a recuperação. “O divórcio é uma crise no ciclo de vida familiar, criando um estado de desequilíbrio para todas as pessoas, em todos os níveis geracionais, por todo o sistema familiar nuclear e ampliado” (PECK e MANOCHERIAN, 2001, p.301).

Casais divorciados com filhos pequenos, o divórcio tende a ser complexo, pois é preciso que o casal redefina seus relacionamentos, pai-filho, mãe-filho, entre o casal, com a família e a comunidade, já o divórcio de casais sem filhos, a separação se torna mais fácil, pois não há necessidade de ter vínculo algum (PECK e MANOCHERIAN, 2001). Em relação à separação conjugal, Ávila (2004) discute ainda que a determinação da separação raramente é mútua geralmente uma das partes tem mais interesse em finalizar a união conjugal. Richardson (1987, apud ÁVILA, 2004), ressalta que geralmente quem toma essa iniciativa são as mulheres e Ávila (2004) cita que as mulheres com autonomia financeira decidem mais facilmente se separar, visto que são independentes financeiramente.

A separação conjugal provoca comportamentos de insônia, falta de concentração no casal, chega o momento em que acaba o “faz-de-conta”, com a separação o casal tem que assumir o compromisso de não estar juntos. O autor traz ainda, que no decorrer do processo da separação, são comuns estados de dificuldades para dormir, ansiedade, abalo (MALDONADO, 2000).

As pessoas quando casam, não estão pensando na separação. No decorrer dos relacionamentos surgem desarmonias familiares, geradas por desejos não expressos, declarações não feitas, devido geralmente a falta de comunicação entre as partes. Isso acaba gerando um desconforto, que pode levar a uma separação, por isso quando ocorre o divórcio, as pessoas se consideram um “fracasso pessoal”, que acaba gerando uma desorganização emocional (CACHAPUZ, 2005, p.102). A separação não é uma decisão fácil de ser tomada, quando surge essa idéia, geralmente as pessoas procuram aqueles em quem confiam, para lhes auxiliar nos conflitos conjugais, insatisfações em busca de conselhos daqueles que são seus íntimos (IRVING e BENJAMIN, 1987, apud ÁVILA, 2004). Segundo Lévesque (1998, apud

ÁVILA, 2004), quem toma a decisão da separação, já começou a viver as etapas de luto da relação.

Teyber (1995) descreve que as crianças não entendem as mudanças que ocorrem na separação e tem medo do que irá acontecer-lhes. Féres-carneiro (1998), afirma que na maioria das vezes os filhos reagem diante do divórcio com raiva, medo, tristeza ou culpa e estes sentimentos podem se alternar durante semanas ou meses.

É importante discutir também as relações das crianças com os novos relacionamentos dos pais, considerando que a partir da separação conjugal dos mesmos, a probabilidade destes pais e mães separados constituírem um novo relacionamento é grande e a criança como lida com esses novos relacionamentos dos pais?

Teyber (1995) vai discutir a relação das crianças com as madrastas, dizendo que é relevante salientar aspectos como: a idade e maturidade da criança, como são as relações desta criança com o pai e com a mãe, em que momento da vida essa criança estava quando a relação de seus pais se desfez, também a importância de verificar o contato com a madrasta, se essas crianças moram junto com elas ou convivem apenas nas situações de visita.

A dinâmica da relação entre enteado e madrasta é uma relação muito complexa (TEYBER, 1995 e FALCKE E WAGNER, 2000). Os modelos de identificação das madrastas são baseados em dois opostos: a figura idealizada da mãe perfeita e as madrastas malvadas descritas na literatura infantil (FALCKE E WAGNER, 2000).

2.2 SEPARAÇÃO CONJUGAL E INFÂNCIA:

A infância é um período onde a criança descobre a natureza humana, é uma longa fase de aprendizagens sobre a vida humana. Nesse período a criança faz descobertas que levará para a vida toda, por exemplo, o significado que as famílias têm na vida das pessoas (OSTERRETH, 1980). O

autor cita que é através da língua falada que o pensamento da criança se constrói, a partir dos três anos de idade a fala da criança começa a ter “clareza e comunicabilidade”, estabelecendo relações sociais, essa comunicação com o outro, exige da criança o pensamento.

A criança entre os três e seis anos de idade começa a descobrir a realidade exterior em todos os planos, começa a perceber que existe um mundo independente dela, um mundo, o qual existe certo e errado, existem regras, normas, leis. Por volta dos quatro anos o comportamento da criança torna-se mais objetivo, demonstrando mais realidade em suas atitudes, aos seis anos de idade, a realidade exterior é entendida pela criança de tal forma que ela consegue buscar seus objetivos sem precisar da satisfação anterior. Em relação à escrita, a criança até os quatro anos aparenta escrever, porém é somente aos seis anos de idade que ela realmente aprende, nesse momento ela tem maturidade para a escolarização (OSTERRIETH, 1980).

O autor trás também que nessa descoberta da realidade exterior, a criança experimenta na questão afetiva um momento que pode ser perturbador para seu crescimento. Ela passa a reconhecer-se separada de sua mãe, antes a criança tinha como realidade, ela e a mãe como uma única pessoa. Além desse reconhecimento, ela percebe que precisa dividir essa mãe com um pai, que aparece como pessoa importante somente a partir desse reconhecimento. Osterrieth, (1980, p. 84), afirma que “esse momento é decisivo para a evolução da personalidade da criança”. Em relação ao vínculo social, a criança entre cinco e seis anos, tende a ocupar-se mais isoladamente, diferente de quando completam sete anos de idade, nessa idade as crianças tendem a vincular-se espontaneamente.

As crianças percebem facilmente o clima de tensão e mal-estar que o processo de separação conjugal causa nos pais, até mesmo quando não ocorrem brigas na frente delas. Os filhos apresentam muita sensibilidade frente essas situações, demonstram suas dificuldades diante da separação de seus pais, através de desenhos e brincadeiras. Em casos de crianças que vêem seus pais brigando, discutindo as relações conjugais, muitas delas se isolam,

passando horas trancadas no quarto, começam a falar menos ou ainda adoecem (MALDONADO, 2000).

Segundo Hetherington e Stanley-Hagan (1999, apud Souza 2000), o bem-estar das crianças está diretamente relacionado à qualidade do relacionamento entre seus pais. Se a pessoa que tiver a guarda, proporcionar um ambiente positivo para a criança, essa poderá ter uma boa adaptação a nova realidade, caso contrário, a criança corre riscos de não se adaptar.

Quando há separação, a criança ou adolescente enfrenta o medo e as conseqüências negativas de um lar desfeito. Não é possível saber o número exato de crianças envolvidas em separações no Brasil, porém, pesquisas realizadas em outros países referem-se, basicamente, a duas percepções provocadas nos filhos: o medo, consciente ou inconsciente, de que o outro cônjuge também vá embora, e a percepção de que os adultos não são confiáveis e nem honestos. Tanto o casal que se separa quanto seus filhos passam por momentos delicados e difíceis na tentativa de resolver questões práticas, como guarda e visita, ou emocionais, como lidar com a interrupção de certas tradições familiares, a perda da convivência diária com um dos pais e a sensação de desamor, rejeição e abandono (SCHABBEL, 2005, p. 14).

A separação dos pais tem diversas conseqüências emocionais e psicológicas para a criança envolvida (DOMENICO, 2006). Conforme Reibstein (1998, apud DOMENICO 2006), a criança em processo de separação apega-se a pessoas que de alguma maneira representam um apoio psicológico durante e após o processo de separação de seus pais, geralmente avós e/ou tios. A criança passa por essa experiência de forma diferente, ela tem uma preocupação com os pais, pois percebe que existe o sofrimento. Essa experiência, na criança pode durar os primeiros anos da família divorciada (WALLERSTEIN E KELLY, 1998).

Ramires (2004), diz que a partir da separação conjugal ocorrem diversas alterações na rotina familiar, é preciso que a criança se ajuste: a saída de casa de um dos pais, a família extensa, as mudanças na vida social, mudança de comportamento dentro de casa e na escola e as brigas.

Maldonado (2000, p.168), complementa que ocorre também a adaptação ao novo convívio com os irmãos, no caso de alguns saírem com uma das partes e ao novo padrão de vida. Wallerstein e Blakeslee (1996, apud NAZARETH 2004, p.35), concordam, afirmando que todas essas novas adaptações provocam “insegurança e incertezas quanto ao que pode acontecer em suas vidas, o que fortalece ainda mais os sentimentos de solidão, rejeição e mágoa”. Maldonado (2000, p.168) acrescenta que “estimulam ressentimento e revolta nas crianças”. Ramires (2004) acrescenta que a criança passa também por novos conflitos, como a questão da guarda, da pensão alimentícia e regulamentação de visitas.

Segundo Cachapuz (2005, p.140), os filhos são as maiores vítimas do conflito entre seus pais. Em uma ocasião inesperada são impedidos de ter uma estrutura familiar sólida, sendo induzidos a “extirparem” o amor e afeto que sentem por um dos pais, tendo que considerar em um determinado momento o pai como adversário e no momento seguinte a mãe.

“As adaptações infantis, consideradas sob uma perspectiva temporal, dependem, por um lado, da quantidade e qualidade do contato com a figura parental não detentora da guarda e, por outro, do ajustamento psicológico e da capacidade de cuidado da figura parental detentora da guarda, do nível de conflito entre os pais após a separação ou o divórcio, do nível de dificuldades sócio-econômicas e do número de eventos estressores adicionais que incidiram sobre a vida familiar” (Amato, 1994, 1995; Lamb & cols., 1997; McConnel & Sim, 1999; Schwartz, 1992, apud SOUZA 2000, p.5).

Toaldo e Torres (2009, p.3) discutem que com a modernidade as famílias vivem relacionamentos conturbados que designam muitas vezes a uma separação conjugal, diante desta as crianças são as mais prejudicadas, tendo que se dividir em duas casas. De acordo com as autoras, “muitas vezes

convivem com constantes agressões entre seus pais, sendo que na maioria das vezes as próprias crianças são objeto das brigas”

Segundo Fry (1983, apud SOUZA, 2000), crianças que ficam sob a guarda materna, descrevem suas mães como pessoas com dificuldade de lidar com problemas financeiros, de ajudá-los nas suas amizades, são mães cansadas e desprotegidas, entretanto com disponibilidade, presença e cuidado maior que os pais, que quando possuem a guarda de seus filhos são mais distantes, com um cuidado menor. O autor afirma também que as crianças que passam pela separação conjugal de seus pais possuem certo receio em relação à experiência familiar.

Para os filhos, a separação conjugal inicialmente representa um mistério que precisa ser explicado com clareza e objetividade (SCHABBEL, 2005). Para Nazareth (2004), quando ocorre a separação conjugal, as crianças no primeiro instante acreditam que é apenas mais uma crise dos pais e que acontecerá a reconciliação. Os filhos de pais separados lidam com a saudade daquele que saiu de casa, esses desejam ver seus pais juntos.

2.3 ALIENAÇÃO PARENTAL:

De acordo com Toaldo e Torres (2009), a Alienação Parental, apesar de ser muito discutida na atualidade, já existe há tempos. Segundo as autoras, Richard Gardner em 1985 publicou um artigo detalhando suas experiências em relação a esta síndrome. Conforme Pinho (2009), a Alienação Parental é um ato de vingança, com intuito de difamar o ex-cônjuge às vezes fazendo com que o filho sinta raiva do outro. Em princípio é realizado pela mãe. Muitas vezes nesse ato malicioso ela acaba utilizando a criança como um instrumento de agressividade e negociata. O autor traz ainda, que quando a Alienação Parental é causada pelos pais, o motivo, na maior parte das vezes é o desejo de vingança e “defesa da honra” devido a uma traição.

Gardner (1987, apud CRUZ, 2009), diz que a alienação parental é um transtorno que surge principalmente no contexto das disputas pela guarda dos filhos. A primeira manifestação é a difamação contra um dos pais por parte dos filhos, sem justificativa. De acordo com Junior (2008, apud TOALDO e TORRES, 2009, p. 3) em um ato “egoísta e desleal”, na maior parte das vezes quem tem a guarda do filho, na intenção de afastar os filhos do convívio com o outro genitor, devido ao conflito estabelecido com o seu par tem atitudes agressivas e de rejeição frente ao seu ex-cônjuge. Já Menezes (2007, apud TOALDO e TORRES 2009) considera que a Alienação Parental pode ser o maior problema enfrentado em uma separação conjugal, visto que a partir do ciúme, um dos genitores passa a influenciar os filhos para que tenham raiva do outro genitor.

É um processo no qual a pessoa que tem a guarda da criança, cria estratégias para que seu filho passe a odiar e repulsar o outro. Tem o objetivo de impedir, dificultar, destruir o vínculo da criança com o outro cônjuge. A criança estabelece um “pacto” de lealdade e vínculo afetivo com a pessoa alienada (GARDNER, 1987 apud CRUZ, 2009). Cruz (2009) diz que a pessoa que fica com a guarda da criança influencia a mesma contra o ex-cônjuge, de forma que destrói com o vínculo entre ambos, podendo durar muitos anos para se desfazer.

Segundo Muller (2005, apud MULLER, BEIRAS, CRUZ, 2007) a mediação familiar tem como objetivo diminuir os conflitos familiares através de diálogo entre as partes, buscando soluções mais rápidas e efetivas, facilitado por um terceiro qualificado, o mediador. De acordo com Gardner (1987, apud CRUZ 2008, p.152), existem alguns critérios para identificar se há a presença da síndrome de alienação parental nas crianças, são elas: “justificações triviais”, são os pretextos que as crianças utilizam para justificar suas atitudes; o “fenômeno de independência” é quando os filhos afirmam não serem influenciados por nada nem ninguém; “ausência de culpabilidade”, aqui as crianças dizem que não sentem culpa por denegrir e ou explorar o genitor alienado e “generalização do ódio” para toda a família, avós, tios e primos.

3. MÉTODO:

No método, apresenta-se a forma que será utilizada na pesquisa, para alcançar os objetivos propostos acima.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA:

É uma pesquisa de cunho exploratório e natureza qualitativa que visa obter conhecimento acerca dos objetivos. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória visa familiarizar-se com o problema, com intuito de torná-lo mais claro ou de construir hipóteses. Utilizou-se como delineamento da pesquisa o estudo de campo, para compreender a percepção das crianças, filhas de pais em processo de separação a respeito do divórcio.

3.2 PARTICIPANTES:

Os sujeitos participantes da pesquisa foram sete crianças, sendo quatro meninos e três meninas, de quatro a nove anos de idade, destas sete crianças cinco eram filhas de pais que já haviam passado pelo processo de separação conjugal e os outros dois entrevistados, tinham os pais passando pelo processo de mediação familiar no período de março a maio de 2010, em um Fórum da grande Florianópolis. A idade dos sujeitos foi escolhida através de uma revisão nas literaturas, visto que a maior parte das pesquisas sobre separação conjugal são realizadas com pré-adolescentes, como nos estudos de Wagner, Falcke e Meza, (1997); Wagner, Ribeiro, Arteche e Bornholdt, (1999); Brito, (2007), e principalmente pelo fato de as crianças com essa idade já terem entendimento do que ocorre a sua volta.

O quadro a seguir, apresenta o perfil das sete crianças entrevistadas, sendo quatro meninos, que serão chamados de Pedro, Bernardo, Daniel e Gabriel e três meninas, que serão chamadas de Julia, Rachel e Marina, encontram-se também dados pessoais dos informantes, como: Idade, sexo, escolaridade, o tempo de separação dos seus pais e a idade e quantidade de irmãos que possuem.

NOME	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	TEMPO DE SEPARAÇÃO	IRMÃOS
Pedro*	M	8	4ª ano	Aproximadamente 3 anos	3 (1, 6 e 11)
Bernardo*	M	4	2º período	Aproximadamente 1,5 meses	Não tem
Daniel*	M	5	Não frequenta a escola	Processo	1 (7 anos)
Gabriel*	M	6	1º ano	Aproximadamente 1 ano	1 (3 anos)
Julia*	F	9	3º ano	Aproximadamente 1 ano	1 (2 anos)
Rachel*	F	8	4ª ano	Aproximadamente 5 anos	4 (15, 20, 21 e 23)
Marina*	F	5	Pré	Processo (1 mês)	1 (10 anos)

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados.

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

*Todos os nomes aqui apresentados são fictícios.

O quadro 1 apresenta o perfil dos candidatos, no período de março a maio de 2010. Pedro, é um menino de oito anos de idade, cursa o 4º ano do colégio, os pais encontram-se separados a aproximadamente 3 anos, nesse período a mãe teve um novo namorado que gerou um filho, hoje a criança tem um ano de idade e mora com a mãe e seus outros filhos, Pedro tem também dois outros irmãos, por parte dos pais, um de seis anos e outro de onze anos, o menino reside com sua mãe e irmãos e relatou ter pouco contato com o pai.

Bernardo é um menino de 4 anos de idade, o entrevistado mais novo, cursa o segundo período da creche, possui os pais separados a aproximadamente um ano e meio, o menino não tem irmãos, hoje reside com a mãe e os avôs maternos e descreveu não ver muito o seu pai. Daniel é um menino de 5 anos de idade, no período da entrevista relatou não freqüentar a escola, os seus pais realizam o processo de separação conjugal na mediação familiar de um Fórum, possui um irmão de 7 anos de idade, o menino reside com seu pai e irmão e disse ter certo contato com a mãe. Gabriel é um menino de 6 anos de idade, freqüenta o primeiro período da escola, os seus pais encontram-se separados a aproximadamente um ano, tem um irmão de três anos de idade, o menino mora com sua mãe e irmão, relatou não ter contato com o pai.

Julia é uma menina de 9 anos de idade, a entrevistada mais velha, cursa o terceiro ano da escola, possui os pais separados a aproximadamente um ano, tem um irmão de dois anos, reside com sua mãe e disse ter contato freqüente com o pai. Rachel é uma menina de oito anos de idade, cursa o quarto ano do colégio, seus pais estão separados há aproximadamente cinco anos, a menina possui quatro irmãos mais velhos um de 15 anos, outro de 20, 21 e o mais velho tem 23 anos, Rachel relatou ter um sobrinho, o qual brinca constantemente, ela reside com sua mãe e mostrou ter contato freqüente com o pai e a última entrevistada foi Marina, menina de cinco anos de idade, cursa o pré no colégio, tem os pais participando do processo de separação conjugal a um mês na mediação do Fórum, possui um irmão de dez anos de idade, reside com a mãe e o irmão e relatou ter contato breve com seu pai, ou seja, recebe visitas em casa, o pai não leva as crianças para sua nova casa.

3.3 EQUIPAMENTOS E MATERIAIS:

Na realização das entrevistas, para coletar os dados foram utilizados: um gravador, folhas A4, lápis de cores, computador, impressora e uma entrevista semi-estruturada.

3.4 SITUAÇÃO E AMBIENTE:

A coleta de dados realizada com as crianças ocorreu em uma sala no Serviço de Mediação no Fórum em São José, em um local apropriado e longe de ruídos externos, para garantir que não houvesse a interferência de terceiros. Foi realizada primeiramente uma triagem nos documentos do fórum de casais que já passaram pelo processo de separação conjugal, escolhendo aqueles que tinham filhos que se encaixavam com os requisitos do projeto.

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS:

A pesquisa foi realizada através de um teste, chamado Desenho da Família, que tem como finalidade desenhar uma família em um papel A4. O instrumento tem o objetivo de “projetar os conteúdos profundos da personalidade do sujeito que desenha” (CORMAN, 2003, p.174). A análise de conteúdo foi realizada através de uma entrevistada semi-estruturada diante do Desenho da Família e de perguntas realizadas pela pesquisadora a partir da realização dos desenhos durante a entrevista.

Após o término do desenho foram realizadas algumas questões com fim de esclarecer, solicitando que a criança contasse a história da família desenhada, explicando quem é cada um dos personagens iniciando do primeiro desenhado, que papel este representava na família, o sexo e a idade. Foram questionadas também em relação: O que elas mais gostam de fazer quando estão com seu pai/mãe? Com quem elas convivem mais? Se existe algo que ela não goste de fazer? Se sim, o que seria? Para todas as perguntas no final foi perguntado o por que.

Com a finalidade de verificar se o instrumento de coleta de dados estava coerente com os objetivos da pesquisa, realizou-se um teste piloto.

3.6 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES:

As participantes foram selecionadas através de amostragem por conveniência e intencionalidade.

A amostra por conveniência é aquela utilizada em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não se determina elevada condição de precisão, nela o pesquisador seleciona os participantes que têm acesso, considerando que estes representam a população do estudo e a amostra intencional, é aquela que se forma um tipo de amostragem não probabilística, e assim é selecionado um subgrupo que possa ser considerado representativo de toda a população (GIL, 1999).

3.7 PROCEDIMENTOS:

Foi realizado o contato através do telefone, com os pais das crianças, no caso dos casais que já haviam passado pelo processo de mediação familiar, foi realizado contato com o sujeito que obtinha a guarda dos filhos. Com os dois casos que estavam passando pelo processo de separação conjugal no período da pesquisa, o contato foi realizado no dia da mediação familiar, explicitando aos mesmos sobre a pesquisa e pedindo autorização para a participação de seus filhos, foi então agendado o melhor dia e horário para que eles levassem seus filhos até o fórum para a realização das entrevistas.

No dia agendado foi esclarecido as mães, novamente sobre o projeto, realizando agora a leitura e assinatura dos termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Gravação da entrevista. Após o esclarecimento com as mães, foi pedido para que as mesmas aguardassem na sala ao lado, para realizar a entrevista somente com a criança. Nesse momento foi explicado para as crianças sobre o projeto, esclarecendo o que seria realizado com as

mesmas e em seguida, foi indagado se elas teriam alguma dúvida e se aceitavam participar.

O primeiro encontro foi realizado em uma sala, no interior do fórum da grande Florianópolis, em um local sem interrupções externas, com duração máxima de uma hora e mínima de meia hora. Os encontros foram gravados com o consentimento dos pais e filhos.

A primeira participante da pesquisa foi uma menina de nove anos de idade, a entrevista teve duração de 45 minutos, sem interrupções ou ruídos. A segunda entrevista foi um menino de oito anos de idade com duração de 35 minutos, a terceira criança, foi uma menina também de oito anos de idade, que teve duração de 38 minutos, a quarta criança entrevistada foi um menino de quatro anos de idade e sua entrevista teve duração de 43 minutos, a quinta criança entrevistada foi uma menina de cinco anos de idade, e sua entrevista durou 26 minutos, a sexta criança entrevistada foi um menino de cinco anos de idade, com duração de 35 minutos e a última criança entrevistada foi um menino de seis anos de idade e sua entrevista durou 25 minutos, todas as sete entrevistas foram realizadas em uma sala do fórum de São José, distante de ruídos ou interrupções.

É importante ressaltar que, das entrevistas agendadas, quatro participantes não compareceram no dia, hora e local agendado e teve um participante que compareceu porém não quis realizar a atividade.

3.7.1 Coleta e registro dos dados:

Foi explicado o objetivo da pesquisa, e entregue o termo de consentimento Livre e esclarecido, devidamente esclarecido pela pesquisadora. Após foi realizado a assinatura dos pais dos participantes. As entrevistas foram gravadas sem nenhum corte e transcritas na íntegra pela pesquisadora.

3.7.2 Organização, tratamento e análise de dados:

Depois de realizadas as entrevistas com os participantes, foram feitas as transcrições das mesmas na íntegra. Após as transcrições, realizou-se a tabela de categorizações, organizado a partir das falas dos participantes e posteriormente feito a análise de conteúdo em cima dessas categorias, a fim de responder os objetivos específicos da pesquisa.

Para análise do conteúdo, foram realizadas categorias e subcategorias, quando necessárias, a partir da fala das crianças entrevistadas. A análise de dados foi obtida a partir das respostas das crianças frente às entrevistas semi-estruturadas realizadas e dos relatos das mesmas a partir das perguntas da pesquisadora diante da realização dos Desenhos da Família.

As definições das categorias foram agrupadas em quadro separados, referentes a cada objetivo específico. Foram criadas também subcategorias a fim de especificar mais os conteúdos das falas dos participantes. Marconi e Lakatos (2005) explicam que a análise tem como propósito esclarecer de forma sistemática o conteúdo, a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno coletado.

As tabelas de categorias foram realizadas em quadros, divididos em colunas, a primeira são das categorias, definidas através da fala dos participantes, junto com os objetivos específicos, a segunda coluna são as subcategorias, que são especificações das categorias, a terceira coluna tem a UCE (Unidade de contexto Elementar), que é a fala na sua íntegra dos participantes, na quarta coluna tem a frequência de cada categoria e a última coluna vem o total de frequências de subcategorias.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS:

Aqui foram apresentadas as categorias e subcategorias criadas a partir das falas das crianças entrevistadas, as representações das falas das crianças na coluna UCE (unidade de contexto elementar) e a frequência que cada categoria apresentou, todas essas informações foram divididas em três tabelas, sendo uma para cada objetivo específico da pesquisa. Em seguida foi realizada a análise de conteúdo, através das falas e desenhos dos entrevistados com intuito de alcançar os objetivos específicos da pesquisa.

4.1 A VIVENCIA DAS CRIANÇAS NO PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL DE SEUS PAIS.

O primeiro objetivo buscou identificar como as crianças vivenciam o processo de separação conjugal de seus pais. De acordo com as falas das crianças durante as entrevistas, junto ao referencial teórico foram analisadas como vivencia das crianças no processo de separação, as seguintes categorias: adaptação a separação dos pais, postura dos filhos frente aos novos relacionamentos dos pais, não valorização da separação por parte dos filhos, desqualificação sobre o pai, freqüentes mudanças de habitação, justificativa para o afastamento do pai e brigas do casal por conflitos familiares.

Tabela 1 – Referente à identificação de como as crianças vivenciam o processo de separação conjugal de seus pais.

Categoria	Subcategoria	UCE	Freqüência	Total
Adaptação a separação dos pais		“Eu não posso fazer ele dentro da minha família como a minha mãe, porque eles já estão separados. Ai... Eu só posso fazer esse pessoal né (Pedro)	5 (Julia, Pedro Rachel, Daniel e Gabriel)	5
Postura dos filhos frente aos novos relacionamentos dos pais	Positiva	“Gosto, não gostava, porque minha mãe disse que ela era feia. Mas agora eu gosto” (Bernardo)	2 (Pedro e Bernardo)	4
	Negativa	Não quero ir na casa do pai, ui, é porque minha madrasta também é criança, de cabeça (Gabriel)	2 (Gabriel e Daniel)	
Não valorização da separação por parte dos filhos		"Um ano que eles se separaram, não sei quando eles se separaram, faz um ano, dois anos. Porque eu nem me lembro, eu sei que eles se separaram já faz um tempão” (Pedro)	3 (Julia, Pedro e Gabriel)	3
Desqualificação sobre o pai		“É eu acho que ele fica louco quando eu converso com ele, risadas, ele só ta ficando louco quando ta comigo risadas. é porque ele gosta de ficar assim” (Marina)	3 (Pedro, Gabriel e Marina)	3

“Continua”

“Conclusão”			
Freqüentes mudanças de habitação		“Eu me mudei três vezes, uma vez morei numa casa de madeira, depois uma casa de tijolo, depois uma casa de construção e depois eu me mudei, nem sei o nome, agora já to morando em outra casa” (Pedro)	2 (Bernardo e Pedro) 2
Justificativa para o afastamento do pai		“As vezes ele ta ocupado, trabalhando, daí não podemos ficar juntos as vezes eu brinco com ele, pular corda na rua, ou a gente fica deitado vendo filme, 2 segundo, só que ele dorme na metade” (Rachel)	2 (Pedro e Rachel) 2
Brigas do casal por conflitos familiares		“Eles se brigaram porque minha mãe botava minha tia pra dentro, ela levava um monte de gente lá pra casa, depois minha mãe deixou ela morar lá em casa” (Pedro)	2 (Pedro e Gabriel) 2

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

A tabela 1 representa em sua configuração as categorias e subcategorias referentes ao primeiro objetivo. Através das categorias e subcategorias citadas na tabela 1, buscou-se, a partir das falas das entrevistadas, identificar e fazer uma correlação com o referencial teórico da pesquisa.

A categoria identificada com maior frequência foi a **Adaptação a separação dos pais**, a qual dos sete entrevistados, cinco relataram que foi preciso adaptar-se a separação de seus pais. Esta categoria pode ser representada pela fala de Pedro, menino de oito anos de idade: *Eu não posso fazer ele dentro da minha família como a minha mãe, porque eles já estão separados (..). Aí (..). Eu só posso fazer esse pessoal né.* A fala de Pedro, junto com a sua representação no Desenho da Família, identifica o ajustamento do menino diante da separação de seus pais. Dessa forma, as representações de Pedro vêm ao encontro à contextualização que Peck e Manocherian, (2001); Ramires, (2004) e Nazareth, (2004), fazem a respeito da separação conjugal, como um processo de novas adaptações, que perpassa a nova constituição familiar: a saída de um dos cônjuges de casa, ao nascimento de novos meios-irmãos, o que deixa de existir são os casais, permanecendo as responsabilidades dos pais e os compromissos com os filhos.

A segunda categoria de maior frequência, em relação a vivenciam das crianças diante da separação de seus pais é a **Postura dos filhos frente aos novos relacionamentos dos pais**, esta categoria pôde ser dividida em duas subcategorias: *Positiva* e *Negativa*. Para dois dos entrevistados, os novos relacionamentos dos pais após a separação conjugal são considerados como positivas, como exemplifica a fala de Bernardo, menino de 4 anos de idade: *Gosto [da madrasta], não gostava, porque minha mãe disse que ela era feia, mas agora eu gosto.* A fala de Bernardo não demonstra motivos para não gostar da sua madrasta. Pedro também representa a categoria em uma de suas falas: *Todo mundo gosta dele, ele foi namorado da mamãe, meu irmão mais novo é filho dele, ele ainda, ele é legal ele, é simpático.* Sobre a relação das crianças com seus padrastos e madrastas, Teyber (1995), ressalta alguns aspectos importantes como: idade da criança, maturidade, de que forma a relação dos pais se desfez, a convivência que a criança tem com a madrasta, o autor discute que todos esses aspectos implicam na relação que a criança terá com sua madrasta. Pedro representa sua relação positiva com o novo namorado sua mãe, através do Desenho da Família. O menino inicia desenhando seu irmão mais novo, em seguida ele desenha a si mesmo ao lado

do novo namorado de sua mãe, posteriormente Pedro desenha sua mãe, depois vem a sua irmã e por último vem o irmão, filho de sua mãe com o novo namorado.

Opondo-se a essa relação positiva dos filhos frente aos novos relacionamentos dos pais, foi possível definir uma segunda subcategoria definida como *Negativa* diante da Postura dos filhos frente aos novos relacionamentos dos pais. Através da fala de Gabriel, menino de seis anos de idade: *Não quero ir na casa do meu pai, ui, é porque minha madrasta também é criança, de cabeça*. Essa fala do participante pode vir ao encontro à contextualização de Falcke e Wagner (2000), quando discutem que os modelos de identificação das madrastas são baseados em dois opostos: a figura idealizada da mãe perfeita e as madrastas malvadas descritas na literatura infantil, ou seja, a partir do modelo que o entrevistado tem de sua mãe, como foi possível identificar nas suas falas durante a entrevista, *a minha mamãe brinca comigo, ela me ensina a fazer as tarefas do colégio, ela que faz meu almoço*, ele percebe a madrasta como uma pessoa em nível inferior aquela que o criou, relacionando também com o que Teyber (2000), discutiu na categoria acima. É possível perceber que Gabriel, não conhece a madrasta, pode-se identificar essa afirmação quando em uma de suas falas o menino diz que: *Eu vi ela uma vez só, e eu nem sabia que ela era a nova esposa do meu pai, porque ele nem me apresentou, e eu só fiquei sabendo depois quem ela era*.

A categoria **Não valorização da separação por parte dos filhos**, teve uma frequência de três candidatos, essa categoria refere-se ao significado que a criança dá à separação de seus pais. Pode-se representar essa categoria a partir da fala de Pedro: *Um ano que eles se separaram, não sei quando eles se separaram, faz um ano, dois anos. Porque eu nem me lembro, eu sei que eles se separaram já faz um tempão*. Essa falta de conhecimento da criança, em relação ao tempo da separação conjugal de seus pais, se dá pelo fato dessa alteração não ter provocado na vida da criança uma mudança muito significativa ou pelo fato delas serem muito novas quando os pais se separam, autores como Hetherington e Stanley-Hagan (1999, apud SOUZA 2000), explicam que o bem-estar das crianças, filhas de pais em processo de

separação conjugal, esta diretamente ligada à forma com que os pais lidam com a sua separação, ou seja, os pais, tanto quem fica com a guarda, quanto quem não a tem, precisam proporcionar um ambiente agradável para a criança, para que ela possa ter uma boa adaptação à nova realidade.

Três dos entrevistados citam o pai como um sujeito “louco”, essa fala foi categorizada como uma **Desqualificação sobre o pai**, essa categoria diz respeito à relação que as crianças adquirem com seus pais durante e após o processo de separação conjugal, tem-se como exemplo a fala de Marina, uma menina de 9 anos de idade: *É eu acho que ele fica louco quando eu converso com ele, risadas, ele só ta ficando louco quando ta comigo risadas, é porque ele gosta de ficar assim.* A forma que Marina lida com seu pai após a separação pode ser entendida diante da citação que Cachapuz (2005), faz em relação aos filhos serem as maiores vítimas dos conflitos entre os pais. O autor traz que após a criança perder a estrutura familiar sólida, elas são levadas a considerar em um determinado momento o pai como adversário e no momento seguinte a mãe.

É importante salientar que situações como essas descritas pelas crianças entrevistadas, podem ser identificadas como Alienação Parental. Gardner (1987, apud CRUZ, 2009), diz que a demonstração de descrédito do filho direcionado ao pai, sem justificativa presente, pode ser considerada como alienação parental. É importante salientar que não foi possível identificar a alienação presente na criança, esclarecendo que é somente uma hipótese diante das suas falas no momento da entrevista.

Ainda em relação à categoria Desqualificação sobre o pai, foi possível identificar na entrevista e no Desenho da Família de Gabriel, momentos de raiva, medo e tristeza diante da separação dos pais. No desenho, o menino separa o pai da família toda, Féres-Carneiro (1998), discute que no processo de separação conjugal, na maioria das vezes, os filhos reagem ao divórcio com raiva, tristeza, medo ou culpa sentimentos que podem durar até meses. Gabriel representa isso, quando ele fala sobre a separação de seus pais, Gabriel afirma que: *Ele já ameaçava minha mãe, sempre*

incomodou minha mãe, minha mãe sempre que trabalhou, ele nunca trabalhou, só ficou jogado na cama, só fez isso da vida.

A quinta categoria foi definida a partir da fala de dois dos entrevistados, quando referiram-se as diversas mudanças habitacionais desde a separação de seus pais: **Freqüentes mudanças de habitação**. Essa categoria pode ser representada através das falas de Pedro e Bernardo, respectivamente:

Eu me mudei três vezes, primeiro eu sai da casa que eu morava, depois eu me mudei de novo e depois eu mudei pra outra casa (...), uma vez morei numa casa de madeira, depois uma casa de tijolo, depois uma casa de construção e depois eu me mudei, nem sei o nome, agora já to morando em outra casa (Pedro)

e “(...), esse meu avô aqui (apontou para o desenho) mora comigo hoje. Quando a mamãe se separou, a gente foi morar com um tio, a minha avó e o avô, em outra casa, a gente se mudou daí” (Bernardo). Peck e Manocherian (2001), Ramires (2004) e Schabbel (2005) compreendem isso da seguinte forma: a separação conjugal provoca mudanças no cotidiano familiar. É possível identificar também essas mudanças, através das representações das famílias nos Desenhos da Família dos dois entrevistados. Pedro desenhou sua nova família, ou seja, aquela que o menino foi morar após a separação dos pais, ele representa, os irmãos, a mãe, o namorado da mãe e o filho dele com sua mãe. E Bernardo representa os avôs maternos que ele reside hoje com a mãe, e os avôs paternos, ao lado do pai, que é a família que o menino visita de 15 em 15 dias.

Dois entrevistados em suas falas no decorrer das entrevistas trouxeram certa justificativa para a distância do pai desde a separação conjugal, tendo em vista que nesses dois casos quem saiu de casa foi o pai.

Essas falas foram categorizadas como: **Justificativa para o afastamento do pai**, a categoria pode ser melhor representada através de algumas falas dos entrevistados: *Nem sempre ele consegue pegar a gente, a mãe dele tá muito estressada, a mãe dele não gosta de ficar com nós, mas ele gosta, a mãe dele não, ele não pode fazer nada, ele mora com ela (Pedro)*, Pedro diz isso, quando a pesquisadora perguntou quando o menino ficava com seu pai. O menino então justificou não ficar muito com o pai, porque muitas vezes ele não tinha como ir buscá-los e também porque sua avó não gostava que ele e seu irmão fossem para a casa dela. A outra entrevistada, Rachel, uma menina de 9 anos de idade, responde dizendo que: *As vezes ele tá ocupado, trabalhando, daí não podemos ficar juntos, as vezes eu brinco com ele, pular corda na rua, ou a gente fica deitado vendo filme,(...), só que ele dorme na metade.*

A sétima categoria do primeiro objetivo teve freqüência de dois entre os sete entrevistados, foi definida como: **Brigas do casal por conflitos familiares**, essa categoria diz respeito aos conflitos dos casais durante o casamento. Pode-se representar essa categoria através das falas dos entrevistados:

Eles se brigaram porque minha mãe botava minha tia pra dentro, ela levava um monte de gente lá pra casa, depois minha mãe deixou ela morar lá em casa (Pedro) e Não, às vezes quando ele vai lá, daí minha mãe fecha a venda e já se brigam daí um diz que vai vender, outro diz que vai toca fogo, depois acabam se amando (Gabriel). Wallerstein e Kelly (1998) e Schabbel (2005), entendem essas brigas por conflitos familiares a partir da discussão que fazem em relação ao que leva um casal a se separar. Os autores explicitam que as crescentes desavenças entre os casais acabam levando a separação conjugal, e que a separação legitima essas desavenças entre os casais. Cachapuz (2005) complementa que essas desavenças são geradas geralmente pela falta de diálogo entre os casais.

4.2 SENTIMENTOS RELATADOS PELAS CRIANÇAS NO PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL DE SEUS PAIS.

O segundo objetivo buscou caracterizar os sentimentos relatados pelas crianças no processo de separação de seus pais. De acordo com as falas das crianças durante as entrevistas, junto ao referencial teórico foram analisados como sentimentos das crianças no processo de separação, as seguintes categorias: Sentimentos em relação ao pai, não aceitação da distancia do pai, demonstração de carinho direcionado a mãe, sentimento de incapacidade diante das mudanças, possível esperança de reconciliação, não demonstra emoção diante do padrasto e expressão negativa diante de novas brincadeiras.

Tabela 2 – Referente à caracterização dos sentimentos relatados pelas crianças no processo de separação conjugal de seus pais. (Tabela 2 apresenta-se nas páginas a seguir)

Categoria	Subcategoria	Texto	Freqüência	Total
Sentimentos em relação ao pai	Afastamento	“Porque antes eu era acostumada a dormir sempre com meu pai” (Rachel)	3 (Pedro, Gabriel e Rachel)	5
	Falta de atenção	“Natal ele nem apareceu lá pra dar oi” (Gabriel)	2	
Não aceitação da distância do pai		“É que eu fiquei triste quando ele foi embora, porque faz um tempo que não vejo mais ele daí, daí faz um tempo que eu fico triste, ele não aparece a um tempão, eu não vejo mais ele, ele não ta mais ali todos os dias, faz um tempão que a mãe se separou dele” (Pedro)	3 (Pedro, Bernardo e Marina)	3
Demonstração de carinho direcionado a mãe		Eu to dando uma flor pra minha mãe, estamos em um jardim cheio de flores (Rachel)	2 (Gabriel e Rachel)	2
Sentimento de incapacidade diante das mudanças		“Eu não posso ir ver minha vó né, porque minha mãe, às vezes fica lá, daí eu tenho que ficar lá. Lá na minha mamãe” (Bernardo)	1	1
Possível esperança de reconciliação		Tu queria que todas essas pessoas estivessem juntas? Aham, até minha mamãe (Bernardo)	1	1

“Continua”

“Conclusão”				
Não demonstra emoção diante do padrasto		Não brinco com meu padrasto, ele trabalha (Rachel)	1	1
Expressão negativa diante de novas brincadeiras		“Eu não gosto de, de, de mexer no computador, porque meu pai não, porque eu não gosto de joguinho que eu não sei jogar” (Bernardo)	1	1

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

A tabela 2 apresenta em sua configuração, as categorias e subcategorias referentes ao segundo objetivo da pesquisa, que busca caracterizar os sentimentos relatados pelas crianças no processo de separação de seus pais. A categoria identificada com maior frequência foi: **Sentimentos em relação ao pai**, das sete crianças entrevistadas, cinco relataram sentir falta de seus pais, após a saída dos mesmos de casa. Essa categoria foi dividida em duas subcategorias: *Afastamento e Falta de atenção*.

Das sete crianças entrevistadas três relataram que após a separação conjugal, sentiram certo afastamento do pai, através dessa percepção foi criada a subcategoria *Afastamento*. Para representar essa subcategoria, Rachel, menina de oito anos de idade, relatou durante a entrevista a respeito da separação conjugal dos pais que: *É, foi mais ou menos, mas agora eu to gostando*. Em seguida a pesquisadora perguntou quais as mudanças que ela sentiu após a separação? Rachel responde que: *Porque antes eu era acostumada a dormir sempre com meu pai*. Esse relato da criança pode ser entendido através da discussão que Peck e Manocherian (2001), fazem sobre a separação conjugal de casais com filhos. Os autores explicam que com a separação conjugal é preciso que os pais redefinam os

relacionamentos com os filhos, pais-filhos e mães-filhos. Foi possível identificar também nas falas de Pedro, certo afastamento do pai, quando o menino relata sobre a sua festa de aniversário: *Não sei, porque não vai ser aqui, vai ser na casa do meu pai, ele mora muito longe, nem sei onde é.* E novamente nas falas de Gabriel: *Sinto [falta do pai], às vezes ele levava a gente pra passear, essas coisas.* Aqui o menino responde o sobre o que mudou para ele desde a separação conjugal de seus pais. Toaldo e Torres (2009) complementam a discussão sobre os relacionamentos das famílias separadas com filhos, dizendo que o prejuízo maior para as crianças é o fato de terem de dividir-se em duas casas.

Acordado ao afastamento dos pais definiu-se uma segunda subcategoria diante dos Sentimentos em relação ao pai, categorizando a **Falta de atenção**, essa subcategoria envolve duas das sete crianças entrevistadas.

A segunda subcategoria difere-se da primeira no sentido de ter a presença dos pais, porém mesmo diante deles, as crianças relataram sentir falta da sua atenção. Isso pode ser representado nas falas de dois dos entrevistados: *É não, quando eu faço as coisas de mim, as minhas coisas ele não sabe de nada que eu to fazendo. É, porque ele não vê nada do que eu to falando (Marina)* e *No Natal ele nem apareceu lá em casa para dar um oi (Gabriel)*, é possível identificar também através do Desenho da Família de Gabriel o afastamento de seu pai. O menino desenha o pai em uma parte da folha, ao lado de uma flor do mesmo tamanho dele e após a flor, o menino desenha ele próprio junto de seu irmão e sua mãe. Ao terminar o Gabriel diz em relação à figura ao lado da flor sozinho: *Esse aqui é só meu pai.* As falas e o desenho de Gabriel podem ser contextualizados através da explicitação de Schabbel (2005), que explica que diante da separação conjugal, as crianças passam por dificuldades emocionais como questões da perda da convivência diária com a parte que sai de casa, que no caso dos dois entrevistados são os pais que saíram de casa.

A partir da fala de um dos entrevistados é possível identificar certa tristeza e também dificuldade de aceitar a distancia do pai após a separação

conjugal, sendo categorizado como **Não aceitação da distância do pai**, através da fala de Pedro:

É que eu fiquei triste quando ele foi embora, porque faz um tempo que não vejo mais ele daí, daí faz um tempo que eu fico triste, ele não aparece a um tempão, eu não vejo mais ele, ele não ta mais ali todos os dias, faz um tempão que a mãe se separou dele.

O sentimento de Pedro pode ser percebido em função do que Féres-Carneiro (2003), traz em relação aos homens na separação conjugal. A autora explica que os pais, que não ficam com a guarda das crianças, tendem a se afastar do cotidiano de seus filhos, podendo a ausência do pai causar um sofrimento nos mesmos. Pedro confirma a distancia do pai, no desenho da família, o menino desenha sua mãe, irmãos, o tio que cuida dele enquanto a mãe trabalha e um carro, não colocando o pai no desenho em nenhum momento, quando questionado sobre o pai o menino responde que: *Eu não posso fazer ele dentro da minha família como a minha mãe, porque eles já estão separados. Ai... Eu só posso fazer esse pessoal né.* Esse afastamento dos pais pode ser relacionado à citação que os autores Romaro e Oliveira (2008), fazem a respeito das mudanças que a separação conjugal provoca na vida das pessoas envolvidas no processo, explicando que a maior parte das pessoas tem grande dificuldade em lidar com as emoções que o divorcio provoca e que para essas pessoas, o divorcio pode gerar uma crise em suas vidas, porem existem algumas pessoas que lidam com essas emoções de forma mais simplificada.

Ainda em relação aos sentimentos relatados pelas crianças no processo de separação conjugal, a partir da fala de duas das sete crianças

entrevistadas obteve-se como categoria: **Demonstração de carinho direcionado a mãe**, essa categoria descreve o afeto que as crianças direcionam a mãe. É importante ressaltar que nesses dois casos, quem obteve a guarda das crianças, foi à mãe. Quando foi solicitado para que Rachel, conta-se a história do Desenho de Família, a menina mostra ela, ao lado da sua mãe dizendo: *Eu to dando uma flor pra minha mãe, estamos em um jardim cheio de flores*. E Gabriel, quando questionado sobre o que ele gostava de fazer com a mamãe, o menino respondeu: *Eu amo a minha mãe*. Essa demonstração de carinho diante da mãe e/ou pessoa que possui a guarda das crianças, pode ser esclarecida diante da citação de Hetherington e Stanley-Hagan (1999, apud SOUZA 2000), a respeito do bem-estar das crianças no processo de separação conjugal de seus pais. Os autores citam que a qualidade do relacionamento dos pais, antes, durante e após a separação conjugal, está diretamente ligada ao bem-estar dos filhos, complementam dizendo que se for proporcionado às crianças um ambiente de forma positiva, existe uma grande possibilidade de a criança ter uma boa adaptação a nova realidade.

Foram definidas quatro categorias em relação à caracterização dos sentimentos relatados pelas crianças no processo de separação de seus pais. Essas quatro categorias tiveram apenas uma frequência: **Sentimento de incapacidade diante das mudanças, Possível esperança de reconciliação, Não demonstra emoção diante do padrasto e Expressão negativa diante de novas brincadeiras**.

A primeira categoria com apenas uma frequência foi: **Sentimento de incapacidade diante das mudanças**, nessa categoria a criança relata sentir-se incapaz de realizar suas vontades. Isso pode ser representado na fala de Bernardo: *Eu não posso ir ver minha avó né, porque minha mãe, às vezes fica lá, daí eu tenho que ficar lá, lá na minha mamãe*.

Outra categoria também com uma única frequência é: **Possível esperança de reconciliação**, essa categoria diz respeito a esperança que as crianças têm da reconciliação de seus pais, pode ser representada melhor na fala de Bernardo, quando no desenvolver do Desenho da Família, a pesquisadora interage com o menino, e pergunta se ele queria que todas as

peças desenhadas estivessem morando juntas e Bernardo responde: Aham, até minha mamãe.

A terceira categoria com frequência somente de um entrevistado foi: **Não demonstra emoção diante do padrasto**, essa categoria diz respeito à relação da criança com o padrasto, pode ser representada através da fala de Rachel: *Não brinco com meu padrasto, ele trabalha.*

E a última categoria com uma única frequência foi: **Expressão negativa diante de novas brincadeiras**, definida através da fala de Bernardo: *Eu não gosto de, de, de mexer no computador, porque meu pai não, porque eu não gosto de joguinho que eu não sei jogar.* Essa categoria demonstra que o menino não se adapta facilmente diante de novas brincadeiras.

4.3 O RELATO DA CRIANÇA NO SEU COTIDIANO A PARTIR DA SEPARAÇÃO DOS PAIS.

O terceiro objetivo buscou descrever como as crianças entrevistadas relatam o seu cotidiano a partir da separação dos pais. De acordo com as falas das crianças durante as entrevistas, junto ao referencial teórico foram analisadas como cotidiano das crianças no processo de separação, as seguintes categorias: Vínculo familiar positivo, vínculo familiar negativo, aceitação da separação dos pais, mudanças dentro de casa após a separação, dificuldade no encontro do filho com a mãe, vínculo positivo com os amigos, descontentamento frente à escola, dificuldade no encontro do filho com o pai, recusa a casa do pai, relação conflituosa com o irmão e frequente convivência com o pai.

Tabela 3 – Referente à descrição de como as crianças relatam o seu cotidiano a partir da separação dos pais.

Categoria	Subcategoria	Texto	Frequência	Total
Vínculo familiar positivo	Com os pais	“Gosto de passear com ela, a gente vai no shopping Iguatemi, as vezes no shopping ideal, as vezes a gente vai na pracinha e as vezes a mamãe leva a gente no brinca mundi, q é bem legal, daí a gente paga e as crianças ficam se divertindo um monte” (Gabriel)	7 (Julia, Pedro, Bernardo, Marina, Gabriel, Renato e Rachel)	12
	Com o irmão	Uhuh, eu e meu irmão se damo bem desde pequeninhos, a gente chama os AM igos, as vezes jogamo vídeo game,a gente faz um monte de coisa quando não tem aula, as vezes da um pucão de cabelo, as vezes a gente se brigamo, mas assim, brigar bastante não (Gabriel)	3 (Julia, Gabriel e Rachel)	
	Com os avôs	“Jogo com o vovô e brinco de dominó também” (Bernardo)	1	
	Com a cunhada	Às vezes vou com a minha cunhada pra casa da mãe dela, e brinco com o irmão dela, que tem 10 anos (Rachel)	1	

“Continua”

“Continuação”

Vínculo familiar negativo	Com a avó	“Nem sempre ele consegue pegar a gente, a mãe dele ta muito estressada, a mãe dele não gosta de ficar com nós (3 segundos silêncios), mas ele gosta, a mãe dele não, ele não pode fazer nada, ele mora com ela” (Pedro)	1	3
	Com o irmão	“Mas meu mano eu não gosto ta. É ele não gosta de mim e eu não gosto dele. Ele chorou por causa que ele queria ir comigo aqui” (Marina)	2 (Pedro e Marina)	
Mudanças dentro de casa após separação		“Minha mãe, eu, meu pai, meu pai não, é minha mãe, eu e meu mano” (Marina) Mora, eu o meu padrasto, o pai e a mãe dele (Rachel) Com minha mãe, e meu irmão, nós três mas com ele dava quatro (Gabriel)	3 (marina, Gabriel e Rachel)	3
Dificuldade no encontro do filho com a mãe		Às vezes quando ela tem tempo, a gente brinca, faz um monte de coisa. Brinca de bola, a gente tem aquela cesta lá, daí a gente brinca de quem é a vez de tacar a bola eu taca, a mãe taca, o mano taca (Gabriel)	3 (Pedro, Gabriel e Bernardo)	3

“Continua”

				“Conclusão”	
Vínculo positivo com os amigos		Eu brinco, brinco com meus amigos, brinco na rua, brinco em casa Daniel)	3 (Julia, Daniel e Rachel)		3
Descontentamento frente à escola		"Não gosto de ir pra aula, pois acabei de mudar de colégio e não tenho amigos lá" (Julia)	2 (Julia e Eduardo)		2
Dificuldade no encontro do filho com o pai		Brinca, mas não muito pq ele trabalha às 5 horas da manha, mas ele não volta no mesmo dia, ele só volta no outro dia às 23hs.... Daí, não da muito pra brincar e por isso não da Pra ver ele muito (Pedro)	1		1
Recusa a casa do Pai		“Não né, eu só durmo na casa da minha mãe né” (Marina)	1		1
Relação conflituosa com irmão		“Ah, não, a gente só é irmão, a gente ó, (balançou as mãos), não quero nem saber dele, ele só quer ficar comigo, ele. É, mas cada, ele me bate e eu bato nele” (Marina)	1		1
Freqüente convivência com o pai		Quase todos os finais de semana, eu fico com o papai (Rachel)	1		1

Fonte: Elaboração da autora, 2010

A tabela 3 representa as categorias e subcategorias referentes ao terceiro objetivo, que buscou descrever como as crianças relatam o seu

cotidiano a partir da separação dos pais, através das falas das crianças entrevistadas.

A categoria de maior frequência foi o **Vínculo familiar positivo**, dividida em quatro subcategorias: *Com os pais*, *Com o irmão*, *com os avôs* e *Com a cunhada*. Das sete crianças entrevistadas, doze crianças relataram certo vínculo positivo com seus familiares, sendo que cada criança pode ter a sua fala representada em mais de uma subcategoria.

A primeira subcategoria em relação ao vínculo familiar positivo foi *Com os pais*, essa categoria foi definida a partir das falas das sete crianças entrevistadas, ou seja, todos os entrevistados relataram ter um vínculo positivo com os pais. É importante salientar que das sete crianças entrevistadas, apenas uma reside com seu pai, após a separação conjugal, todas as outras seis crianças residem com a mãe. As falas dos entrevistados representam o vínculo familiar positivo com seus pais: *Quando a gente ta junto, o papai faz pipa pra mim (Daniel)*; *Gosto de sair com o papai. Às vezes eu saíu, às vezes vou na minha vó e as vezes fico com meu sobrinho, do meu irmão do meio (Rachel)*; *Com a mamãe eu gosto de tudo e com o papai eu gosto de jogo, joguinho, no celular dele (Pedro)*; *Saiu, sempre com o papai, gosto, é eu gosto com meu pai. Gosto de sair com meu pai (Marina)*; *Gosto bastante de ficar com meus pais (Julia)*; *Com a mamãe eu gosto de fazer um monte de coisa, menos joga bola, porque ela não joga bola (Bernardo)* e

Gosto de passear com ela, a gente vai no shopping Iguatemi, as vezes no shopping ideal, as vezes a gente vai na pracinha e as vezes a mamãe leva a gente no brinca mundi, q é bem legal, daí a gente paga e as crianças ficam se divertindo um monte (Gabriel).

As falas das crianças vêm ao encontro à discussão que Nazareth (2004), faz a respeito da separação conjugal. A autora relata o que ocorre é a mudança na constituição familiar, deixando de existir o casal, entretanto as

responsabilidades dos pais permanecem tanto para quem obtêm a guarda, quanto para quem não a tem. É possível perceber nas falas apresentadas acima que após a separação conjugal, os pais estão cumprindo seus papéis, ainda que alguns apresentem um pouco mais de dificuldade de estar com seus filhos. É possível identificar essa relação positiva com os pais também através dos desenhos, visto que das sete crianças, quatro desenharam o pai e a mãe, exceto Pedro que desenhou o novo namorado da mãe, a Marina que desenhou o apartamento onde ela mora, sem representação de figuras humanas e o Daniel que só representou figuras geométricas como: televisão, cama, trave de futebol, etc.

A segunda subcategoria em relação ao vínculo familiar positivo, foi o vínculo *Com o irmão*, essa subcategoria foi citada por três das sete crianças entrevistadas, ela demonstra a relação que os filhos de pais separados têm com seus irmãos no seu cotidiano. Isso pode ser representado melhor através da fala de uma das crianças:

Eu e meu irmão se damos bem desde pequeninhos, a gente chama os amigos, às vezes jogamos vídeo game, a gente faz um monte de coisa quando não tem aula, às vezes dá um puxão de cabelo, às vezes a gente se brigamos, mas assim, brigar bastante não. (Gabriel).

Maldonado (2000); Ramires (2004) e Wallerstein e Blakeslee (1996, apud NAZARETH 2004), discutem que após a separação conjugal ocorrem alterações no cotidiano familiar e é preciso que a criança se adapte a algumas alterações como: ao novo convívio com os irmãos, no caso de alguns saírem com uma das partes. As falas de duas crianças representam que essa separação de casas não ocorreu e confirmam que as crianças possuem um bom relacionamento com seus irmãos: *Brinco bastante com meu irmão (Julia)* e *Saiu bastante com meus irmãos (Rachel)*, ou seja, todas as crianças, mesmo

as que mudaram de casa, estão junto com seus irmãos, sendo que das sete entrevistadas.

A terceira subcategoria em relação ao vínculo positivo familiar é a relação *Com os avôs*, aqui as crianças descrevem ter grande afinidade com seus avôs. A fala de Bernardo pode representar melhor essa relação: *Jogo futebol com o meu avô e brinco de dominó também com ele*. É importante salientar que esse avô que Bernardo diz brincar é o avô materno, que mora na mesma casa que o menino. É importante identificar também que no Desenho da Família, os avôs aparecem como figuras principais, pois Bernardo inicia desenhando o avô materno, ao lado a avó materna, depois ele desenha os avôs paternos, em seguida o papai e por último o menino desenha ele mesmo ao lado da avó paterna.

As falas e o desenho de Bernardo podem representar a menção que Reibstein (1998, apud DOMENICO 2006), faz em relação à criança no processo de separação dos pais. O autor vai trazer que durante o processo e até mesmo depois de finalizada a separação conjugal, as crianças tendem a se apegar em regra aos avôs e/ou tios, que de certa maneira representam apoio psicológico. Em diversos momentos durante a entrevista e também no Desenho da Família, Bernardo demonstra o apego que tem com seus avôs durante a entrevista, quando o menino diz: *Eu fico o maior tempo do dia com a minha avó*. Nesse caso é a avó materna que mora com ele. Em um segundo momento, quando a pesquisadora perguntou se ele sentia falta do papai? O menino respondeu: *Sim e da vovó também*. E o que você faz quando sente saudades dos dois? Bernardo responde que: *Eu não posso ir ver minha vovó né, porque minha mãe, às vezes fica lá, daí eu tenho que ficar lá na minha mamãe, daí eu fico na imaginidade*.

A subcategoria referente ao vínculo familiar positivo é a relação *Com a cunhada*, aqui Rachel descreveu ter afinidade com sua cunhada, essa afirmação pode ser representada na fala da menina: *Às vezes vou com a minha cunhada pra casa da mãe dela, e brinco com o irmão dela, que tem 10 anos*. Isso vem ao encontro à discussão que Maldonado (2000) faz em relação aos pais no processo de separação conjugal. A autora discute que durante o

processo, os pais ficam atordoados, deixando de atender as necessidades de seus filhos e que nesse momento a presença de avós, amigos, tios, cunhados, empregadas, todas as pessoas próximas que tiverem disponibilidade para conversar, sair, brincar com as crianças, distraí-los, são de grande ajuda para o casal em separação. A relação positiva de Rachel com a cunhada aparece também no Desenho da Família, o qual a cunhada aparece desenhada ao lado da mãe de Rachel.

Opondo-se ao vínculo familiar positivo, foi criada a categoria: **Vínculo familiar negativo**, com frequência de três das sete crianças entrevistadas. Essa foi a segunda categoria com maior frequência, ela relata a relação negativa das crianças com alguns familiares, ela foi dividida em duas subcategorias: *Com o irmão* e *Com a avó*. Essa categoria não foi possível fundamentar, em função de não ter sido encontrado a relação negativa das crianças com seus irmãos e avós, nas literaturas pesquisadas.

A primeira subcategoria em relação ao vínculo familiar negativo, é a relação: *Com o irmão*, aqui as crianças relatam certa dificuldade na relação com seus irmãos. Essa subcategoria teve frequência de dois, dos sete entrevistados. A fala de Marina e Pedro, respectivamente podem representar melhor essa relação negativa: *Mas meu mano eu não gosto ta, é ele não gosta de mim e eu não gosto dele, ele chorou por causa que ele queria ir comigo aqui. E Não gosto quando meu irmão fica me seguindo, ele só quer ficar comigo, e não da porque eu já sou muito grande, e ele fica grudado.*

A segunda subcategoria em relação ao vínculo familiar negativo teve frequência de um entre as sete crianças entrevistadas e foi definida: *Com a avó*. Ela pode ser melhor representada a partir da fala de Pedro: *Nem sempre ele consegue pegar a gente, a mãe dele ta muito estressada, a mãe dele não gosta de ficar com nós (...), mas ele gosta, a mãe dele não, ele não pode fazer nada, ele mora com ela.*

A terceira categoria de maior frequência foi: **Mudanças dentro de casa após separação**, das sete crianças entrevistadas, três relataram sobre as mudanças geradas a partir da separação conjugal de seus pais. As falas das três crianças relatam que após a separação conjugal, ocorreram mudanças

dentro de casa: *Minha mãe, eu, meu pai, meu pai não, é minha mãe, eu e meu mano (Marina), Mora, eu o meu padrasto, o pai e a mãe dele (Rachel) e Com minha mãe, e meu irmão, nós três, mas com ele dava quatro (Gabriel)*. Essas mudanças vêm ao encontro à discussão que Maldonado (2000), Nazareth (2004) e Ramires (2004), fazem a respeito das alterações na rotina familiar. Os autores explicam que as crianças precisam adaptar-se à nova configuração familiar, ou seja, ao afastamento de casa de um dos pais, ao novo convívio com os irmãos no caso de alguns saírem com uma das partes.

É possível identificar também as modificações após a separação, representadas através dos Desenhos da Família de Gabriel e Marina. O primeiro desenhou a mãe, o irmão e ele, separados por uma flor de seu pai. Marina desenhou um prédio de quatro andares e disse: *Eu, a mamãe e o meu irmão, estamos lá dentro, no quarto andar onde moramos* e Rachel desenhou primeiro a mãe ao lado dela e em seguida o pai, a menina se desenhou com uma flor nas mãos dizendo que: *Essas flores são para a mamãe, pois eu não sabia que o papai vinha me visitar nesse dia*.

A quarta categoria referente à descrição de como as crianças relatam o seu cotidiano a partir da separação dos pais, foi definida como: **Dificuldade no encontro do filho com a mãe**. Através da fala de Pedro, é possível representar a categoria criada: *Não da muito pra brincar com ela, porque ela volta 22hs do trabalho, mas eu gosto de brincar, gosto de ver TV, gosto de brincar de carrinho, boneca*. Essa dificuldade de estar com a mãe após a separação conjugal pode ser explicada por Fry (1983, apud SOUZA, 2000), através da discussão que o ele faz a respeito das crianças que permanecem sob a guarda materna. O autor explica que as crianças percebem as mães como pessoas com dificuldades diante das mudanças que a separação conjugal causa, porém são mães presentes, disponibilidade e cuidado. Essa citação pode ser relacionada com as falas de Gabriel e Bernardo, respectivamente, *Às vezes quando ela tem tempo, a gente brinca, faz um monte de coisa. Brinca de bola, a gente tem aquela cesta lá, daí a gente brinca de quem é a vez de tacar a bola eu taca, a mãe taca, o mano taca*

(Gabriel) e A mamãe não brinca, porque ela tem que fazer as coisas quando minha avó vai trabalhar (Bernardo).

A quinta categoria definida em relação ao terceiro objetivo teve frequência de três entre as sete crianças entrevistadas: **Vínculo positivo com os amigos**, essa categoria demonstra a relação positiva das crianças com seus colegas. Isso pode ser representado melhor na fala de Daniel: *Eu brinco, brinco com meus amigos, brinco na rua, brinco em casa*. Rachel complementa dizendo: *Eu brinco com minhas amigas, de boneca, ando de bicicleta, eu durmo na casa das minhas amiguinhas*. E a terceira criança diz: *Sexta, sábado e domingo brinco com meus amiguinhos (Julia)*. Essas representações demonstram a importância das crianças continuarem com os seus vínculos com os amigos. Maldonado (2000) discute a importância de a criança continuar brincando, passeando, principalmente em momentos que os pais estão discutindo a separação.

A categoria **Descontentamento frente à escola** teve frequência de dois dos sete entrevistados. Ela diz respeito à dificuldade das crianças, após a separação conjugal de seus pais, diante da escola. Isso pode ser representado a partir da fala de Julia: *Não gosto de ir pra aula, pois acabei de mudar de colégio e não tenho amigos lá* e na fala de Gabriel:

Nem quase gosto do colégio, porque eles ficam inventando apelido pra mim, porque eles ficam me incomodando, dentro da sala de aula, se a professora as vezes vai no banheiro, já ficam tacando coisa, enchendo o saco, já falei com a mãe.

Maldonado (2000) e Ramires (2004) discutem que a separação conjugal, causa diversas alterações no cotidiano das crianças. As autoras

explicitam que a separação conjugal causa diversas mudanças no cotidiano familiar, das quais é necessária que a criança se adapte. Essas mudanças envolvem o convívio com apenas um dos pais, a ampliação da família, as mudanças na vida social, mudança de comportamento dentro de casa e nas escolas. Maldonado (2000, p.168) acrescenta que todas essas mudanças “estimulam ressentimento e revolta nas crianças”.

Foram definidas quatro categorias em relação ao terceiro objetivo que visa descrever como a criança relata o seu cotidiano a partir da separação conjugal de seus pais. Essas quatro categorias tiveram apenas uma freqüência: **Dificuldade no encontro do filho com o pai, Recusa a casa do pai, Relação conflituosa com irmão e Freqüente convivência com o pai.**

A primeira categoria com apenas uma freqüência, elucida a dificuldade que a criança tem em encontrar o seu pai, após a separação conjugal, ou seja, após o pai sair de casa, essa categoria foi definida como: **Dificuldade no encontro do filho com o pai.** Ela pode ser representada pela fala de Pedro: *Brinca, mas não muito porque ele trabalha às 5 horas da manhã, mas ele não volta no mesmo dia, ele só volta no outro dia às 23horas. Daí, não da muito pra brincar e por isso não da pra ver ele muito.*

A segunda categoria com apenas uma freqüência, foi: **Recusa a casa do pai,** refere-se a renúncia da criança diante da casa do pai, ou seja, a casa que o pai foi morar após a separação conjugal. Isso pode ser melhor representado através da fala de Marina: *Não né, eu só durmo na casa da minha mãe né.* Nessa frase a menina responde a pergunta da pesquisadora, se ela dormia na casa do pai nos finais de semana.

A terceira categoria com apenas uma freqüência, ilustra a relação negativa das crianças com seus irmãos, a categoria foi definida como: **Relação conflituosa com irmão. Isso pode ser representado através da fala de Marina:** *Ah, não, a gente só é irmão, a gente ó, (balançou as mãos), não quero nem saber dele, ele só quer ficar comigo, ele. É mas cada, ele me bate e eu bato nele.*

A quarta categoria com apenas uma freqüência, representa a convivência da criança com seu pai após a separação conjugal, definida como:

Frequente convivência com o pai. Essa categoria pode ser melhor representada através da fala de Rachel: *Quase todos os finais de semana, eu fico com o papai.*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A presente pesquisa teve como tema a percepção de crianças filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação, o tema foi escolhido devido ao interesse da pesquisadora em compreender esse processo nas crianças e também pelo fato da maior parte dos estudos de separação conjugal, consistir em compreender a separação conjugal para o casal. Como objetivo da pesquisa tem-se compreender a percepção de crianças, filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação, para alcançá-lo foram realizadas sete entrevistas com crianças de 4 a 9 anos de idade.

A partir dessa pesquisa pode-se observar que as crianças dessa faixa etária não percebem a separação como algo doloroso, mas como algo que gera transformações em suas vidas. Foram observadas mudanças habitacionais, escolares, sociais e a principal mudança ressaltada na pesquisa foi à saída do pai de casa, nota-se em todas as crianças entrevistadas, que a maior dificuldade em relação à separação conjugal de seus pais, esta em lidar com o afastamento de um dos pais de casa.

A pesquisa teve como primeiro objetivo específico identificar como as crianças vivenciaram o processo de separação conjugal de seus pais. Pôde-se identificar através da análise das entrevistas que as crianças vivenciaram esse processo de forma a adaptar-se a separação conjugal de seus pais. Foi possível identificar que as crianças entrevistadas não entendem o momento da separação conjugal dos pais, visto que as mesmas não lembravam há quanto tempo os mesmos haviam se separado. Isso pode ser identificado pelo fato da separação não ter ocasionado mudanças explícitas às crianças, sendo identificado também na entrevista de Pedro, que o mesmo tinha 4 anos quando seus pais se separaram, dessa forma é possível compreender a falta de lembrança da criança. Foi identificada também que duas das sete crianças não tiveram dificuldades com as novas configurações familiares, visto que as mesmas adaptaram-se aos novos padrastos e a saída do pai de casa, em

contraposição duas outras crianças tiveram maior dificuldade em aceitar e conviver com os novos padrastos e/ou madrastas.

O segundo objetivo específico da pesquisa foi caracterizar os sentimentos relatados pelas crianças no processo de separação conjugal de seus pais a partir das análises diante das entrevistas. Foi caracterizado que a maior dificuldade das crianças diante da separação conjugal de seus pais foi lidar com os sentimentos em relação à figura paterna, após a saída de casa do mesmo, categoria criada diante dos relatos das crianças entrevistadas. No momento da entrevista, foi possível notar que as crianças sofriam com essa separação e na maior parte das vezes não aceitaram essa distância do pai. Foi caracterizado também que as crianças que possuíam um convívio periódico com o pai tiveram mais facilidade em adaptar-se a separação. Identificou-se que essas crianças perceberam a separação de forma positiva, em contraposição as crianças que não possuem convívio com o pai após a separação, foi possível identificar que essas crianças tiveram maior dificuldade em relação à separação dos pais. Em relação à mãe, foram caracterizados sentimentos positivos, as crianças enquanto desenhavam ou relatavam a respeito da mãe, demonstraram certo carinho direcionado a mesma. Duas das sete entrevistadas foram bem específicas quanto essa relação positiva, como foi possível perceber na análise realizada.

O terceiro e último objetivo da pesquisa foi descrever como as crianças relataram o seu cotidiano a partir da separação dos pais. Não foi possível identificar o cotidiano das crianças antes da separação conjugal, visto que as mesmas eram infantis quando ocorreram as separações de seus pais. Identificou-se que as crianças possuíam um vínculo familiar positivo com os pais, irmãos e avós após a separação conjugal. Percebeu-se também que as crianças buscavam pessoas que oferecessem segurança, contentamento, distração diante da separação conjugal. Foi descrito pelas crianças também as mudanças dentro de casa como, a nova configuração familiar, ou seja, a saída do pai de casa e entrada do novo namorado das mães. Foi relatado também que o contato com os pais foi reduzido, devido à saída de casa do mesmo.

Importante ressaltar que foi identificado através de uma das crianças entrevistadas, certa relação negativa com o irmão e avós, tendo em vista a dificuldade de encontrar esse tema nos artigos pesquisados, esse seria um tema interessante de pesquisa, no intuito de continuar a presente pesquisa.

Com intuito de compreender a percepção das crianças filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação, encontrou-se que as mesmas entendem a separação conjugal dos pais, como uma das partes sair de casa, identificando-se que se o contato com a parte que sai de casa, permanecer, a criança tende a ter maior facilidade com a nova situação, como representa a fala de Julia, quando relata a respeito das mudanças realizadas após a separação: “Diminuiu o numero de pessoas dentro de casa”.

A presente pesquisa proporcionou entender de que forma a criança percebe a separação conjugal de seus pais, esclarecendo que os sentimentos gerados a partir da separação estão inteiramente ligados a forma com que os pais lidam com a separação diante dos filhos. É possível perceber que quando os pais compreendem a separação conjugal apenas como a separação do casal, permanecendo a relação pai e mãe, a criança tende a ter facilidade em adaptar-se, em contraposição aos casais que a percebem como a separação do casal, e dos papéis de pai e mãe, nesse caso, as crianças demonstraram ter maior dificuldade, pois gera ansiedade e medo de perder os pais. A fala de Pedro ilustra a percepção das crianças: É que eu fiquei triste quando ele foi embora, porque faz um tempo que não vejo mais ele daí, [...] eu fico triste, ele não aparece a um tempão, ele não ta mais ali todos os dias [...].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ÁVILA, Eliedite Mattos. **Mediação Familiar. Formação de base.** Apostila. Florianópolis: TJSC, 2004.

BRITO, Leila Maria Torraca. **Família Pós-Divórcio: A Visão dos Filhos.** Psicologia: Ciência e Profissão, 2007, vol.27, no.1 Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000100004>. Visitado em: 08/09/2009.

CACHAPUZ, Rozane da Rocha. **Mediação nos Conflitos e Direito De Família.** 1ª Ed. 3ª tiragem. Curitiba: Juruá, 2005.

CALABRESE, Maria Teresa. **Mediação familiar e seu alcance na mediação dos conflitos: uma abordagem das experiências na vara da família de Balneário Camboriú,** 2006. 66 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2006.

CARTER, B., MCGOLDRICK, M. e cols. **As mudanças no ciclo de vida familiar.** 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARUSO, Igor A. **A separação dos amantes uma fenomenologia da morte.** 4.ed. São Paulo: Diadorim, 1986.

CRUZ, Ana Cristina de la. **Divorcio destructivo: cuando uno de los padres aleja activamente al otro de la vida de sus hijos.** Diversitas, vol.4, no.1, 2008.

CORMAN, Louis. **O Teste do Desenho de Família.** 1. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CUNHA, Jurema Alcides; FREITAS, Neli Klix. **Desenho da Família.** Psicodiagnóstico. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DANTAS, Cristina; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal.** Paidéia (Ribeirão Preto). v. 14, n.29, p. 347-357, set./dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2004000300010&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 08 set. 2009.

DOLTO, Françoise. **Quando os pais se separam.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DOMENICO, Rosa di. **Famílias separadas y apego.** Revista de Psicologia. Escuela de Psicología. Universidad Central de Venezuela. v. 25, n.2, p.6-18. 2006.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. **Mães e madrastas: mitos sociais e Autoconceito**. 2000. 21 f. Mestrado (Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio grande do Sul 2000.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. Psicologia: Reflexão e Crítica. v. 11 n.2 Porto Alegre. 1998.

_____. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudo. psicologia. (Natal)**, Natal, v. 8, n.3, p. 367-374, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1278&id_pagina=1. Visitado em: 25/08/2009.

MALDONADO, Maria Tereza. **Casamento: término e reconstrução**. 7.ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MENDES, Luíza Bittencourt Corrêa. **"Mas Mãe, Eu Posso Amar Meu Pai Ainda?": A Percepção De Mães e Pais a Respeito Das Conseqüências Da Separação Para Seus Filhos Infantes**, 2008. 59 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008.

MULLER, Fernanda Graudenz, BEIRAS, Adriano e CRUZ, Roberto Moraes. **O trabalho do psicólogo na mediação de conflitos familiares: reflexões com base na experiência do serviço de mediação familiar em Santa Catarina**. Aletheia, n. 26, p. 196-209. 2007.

NAZARETH, Eliana R. Família e divórcio. In: CERVENY, Ceneide M. de Oliveira (org.). **Família e... comunicação, divórcio, mudança, residência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 25-37.

OSTERRIETH, Paul. **Introdução à psicologia da criança**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

PECK, Judith S.; MANOCHERIAN, Jennifer R. O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 291-320.

PINHO, Marco Antônio Garcia de. **Alienação parental**. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, 67, ago. 2009. Disponível em:  http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6540. Acesso em: 30 set. 2009.

PODER JUDICIARIO DE SANTA CATARINA, 2008. Disponível em: http://www.tj.sc.gov.br/institucional/mediacaofamiliar/serv_mediacao.htm. Acesso em: 01 set. 2009.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. **As Transições Familiares: A Perspectiva De Crianças e Pré-Adolescentes**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 2, p. 183-193, mai./ago. 2004.

ROMARO, Rita Aparecida e OLIVEIRA, Patrícia Evangelista C. Leal. **Identificação das queixas de adultos separados atendidos em uma clínica-escola de Psicologia**. Psicologia: Ciência e Profissão. v. 28, n. 4, p.780-793, 2008.

SCHABELL, Corinna. **Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação**. Psicologia: teoria e prática. v. 7, n.1, p.13-20. 2005.

SOUZA, Rosane Mantilla de. **Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2000, vol.16, n.3, pp. 203-211. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722000000300003&script=sci_arttext&tlng=es Acesso em: 08 set. 2009.

STRAUBE, Kátia Maria; GONÇALVES, Marília de Paula; CENTA, Maria de Lourdes. **Percepção dos filhos sobre o divórcio dos pais**. Fam. Saúde Desenv., Curitiba, v.5, n.3, p.173-184, set./dez 2003

TEYBER, Edward. **Ajudando as crianças a conviver com o divórcio**. São Paulo: Nobel. 1995.

TOALDO, Adriane Medianeira. TORRES, Maria Ester Zuanazzi. **O direito de família e a questão da alienação parental**. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, 64, 01/05/2009 Disponível em:  http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6113#_ftn24. Acesso em 30 set. 2009.

TOURRETTE, Catherine; GUIDETTI, Michèle. **Introdução à psicologia do desenvolvimento** – do nascimento a adolescência. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

ZORDAN, Eliana Piccoli. **Até que a vida nos separe: os motivos para separação conjugal em processos judiciais. 2008**. III Mostra de pesquisa – Psicologia. PUCRS, 2008.

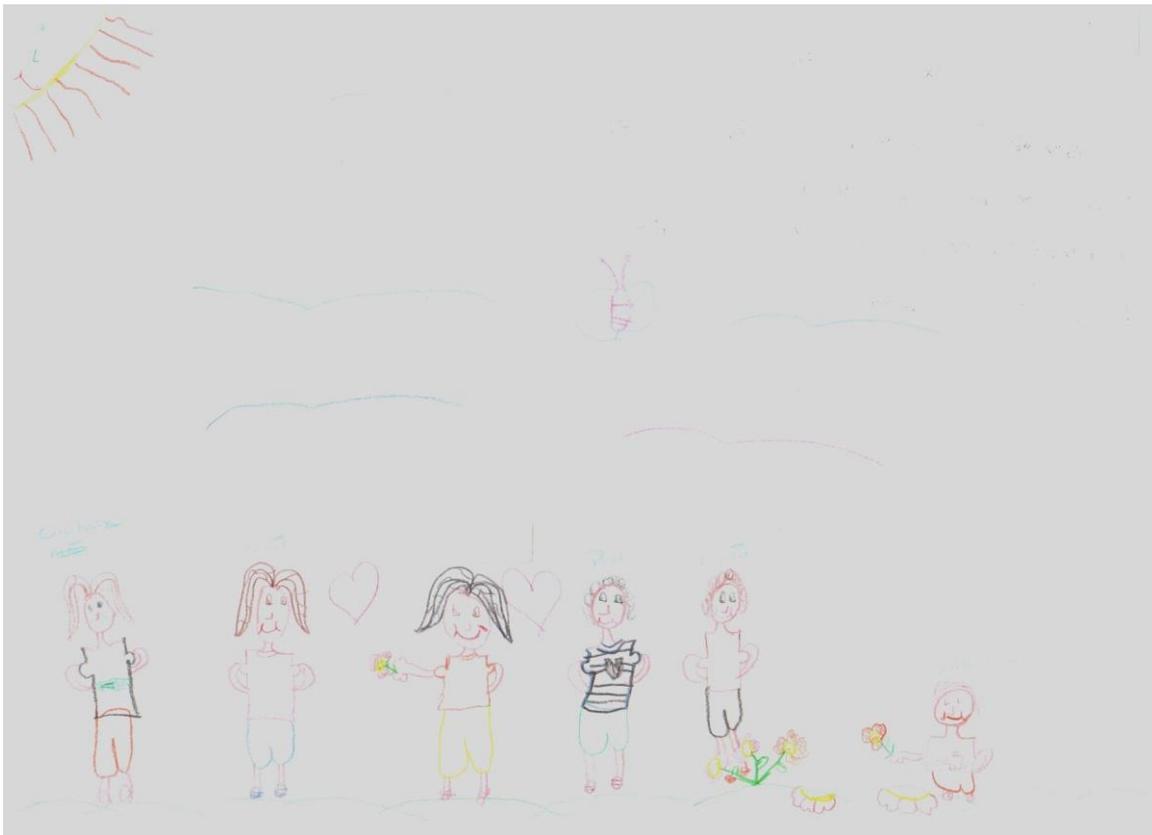
WAGNER, Adriana; FALCKE, Denise; MEZA, Eliane Bottcher Duarte. **Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida.** Psicologia: Reflexão e Crítica. 1997, vol.10, n.1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721997000100011&script=sci_arttext&tlng=in Visitado em: 08/09/2009.

WAGNER, Adriana; RIBEIRO, Luciane de S.; ARTECHE, Adriane X.; BORNHOLDT, Ellen A. **Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes.** Psicologia: Reflexão e Crítica. 1999, vol.12, n.1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721999000100010&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 07 set. 2009.

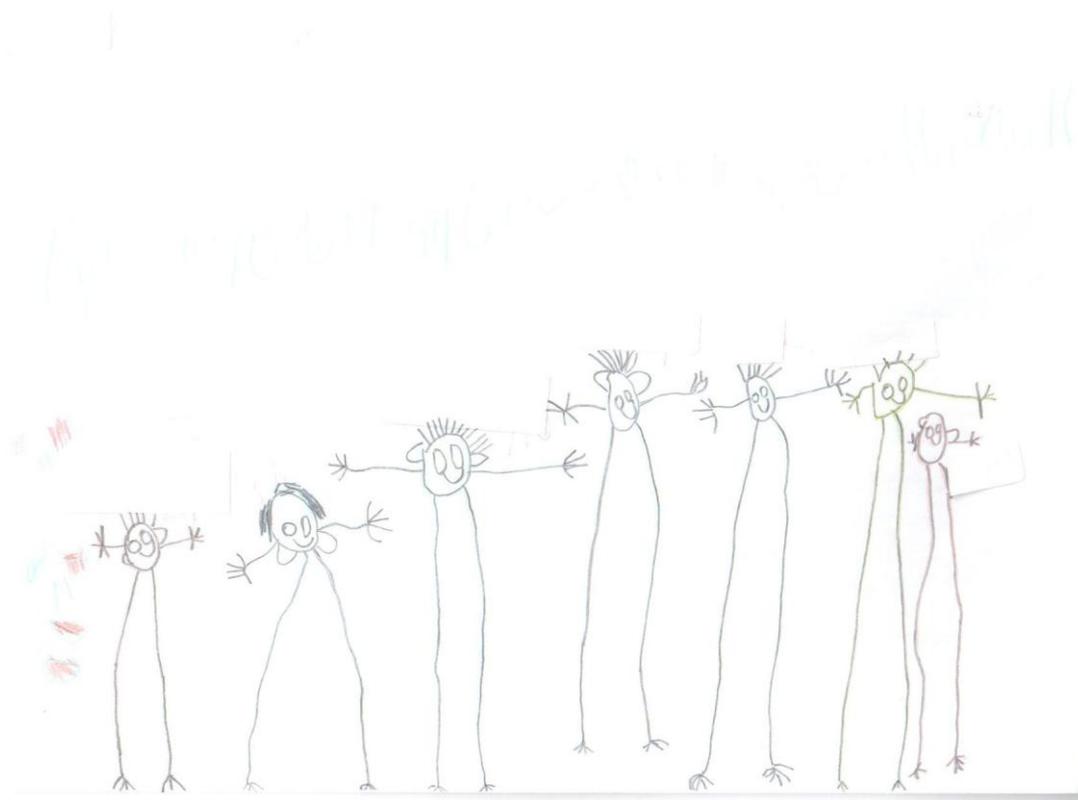
WALLERSTEIN, J. e KELLY, J. **Sobrevivendo à Separação: como Pais e Filhos Lidam com o Divórcio.** p. 13-24. Porto Alegre : Artmed, 1998.

ANEXOS – DESENHOS DA FAMÍLIA

Desenho 1 – Pedro



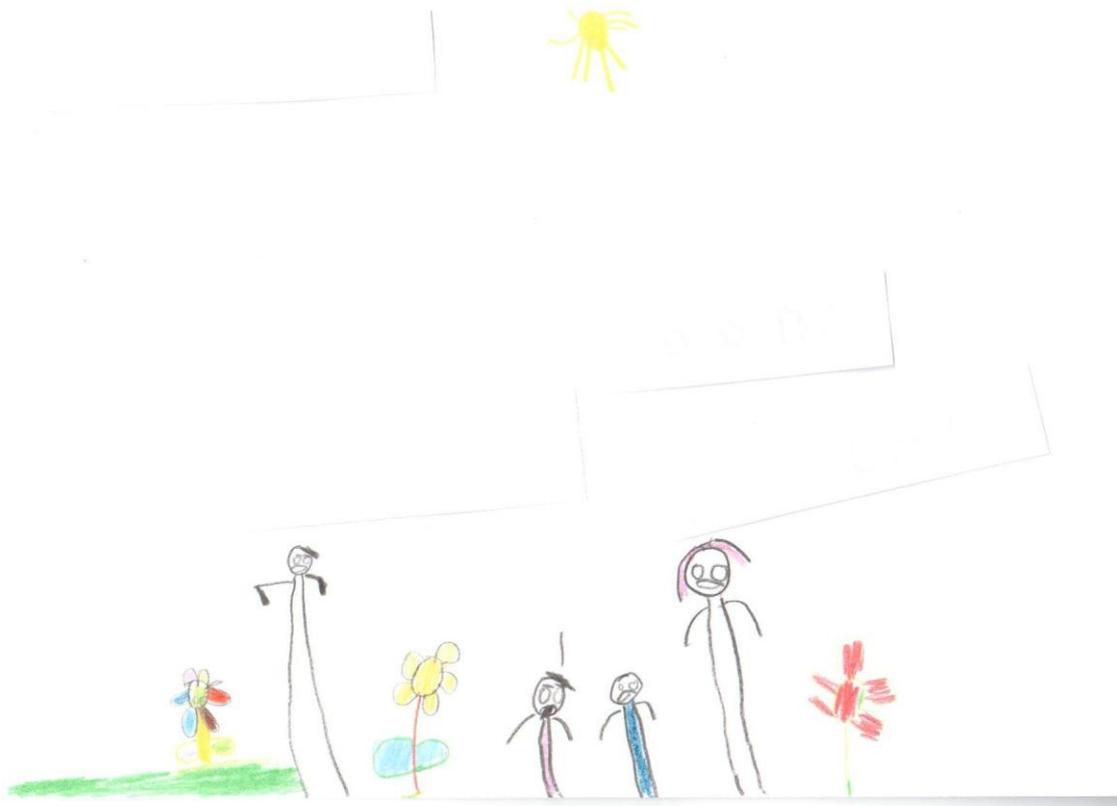
Desenho 2 – Bernardo



Desenho 3 – Daniel



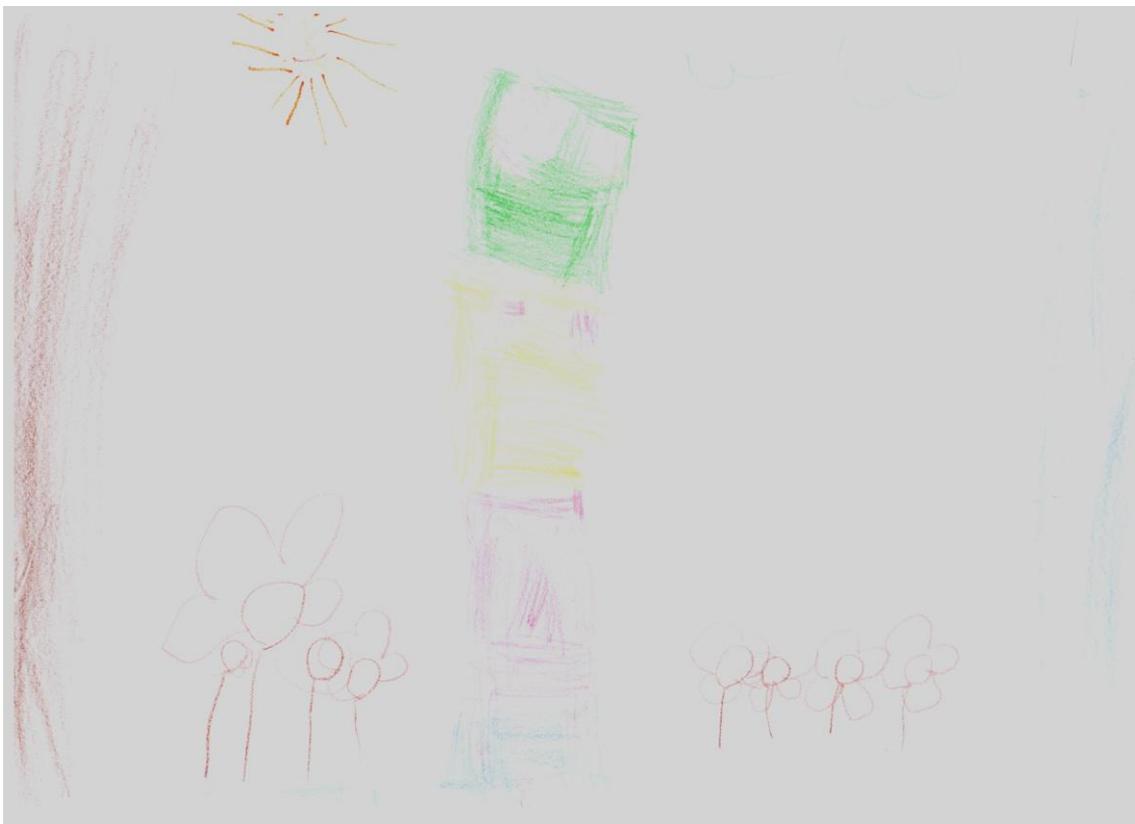
Desenho 4 – Gabriel



Desenho 5 – Julia



Desenho 6 - Rachel

Desenho 7 – Marina

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI -ESTRUTURADA

- Conte-me a história dessa família... (idade, sexo, profissão)
- Quem é você nessa família?
- Como é a relação com seus pais?
- E com seus irmãos?
- Com quem você convive mais?
- O que você mais gosta na sua família?
- O que você menos gosta?
- Você gostaria de mudar algo na sua família, o que?
- Quais atividades você realiza diariamente?
- Você sente falta de seu pai?



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO

Título do Projeto: A percepção de crianças filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação

Eu, _____,
confirmando que a pesquisadora, Sra. Tatiana Ramos de Oliveira, discutiu comigo este estudo. Assim, compreendi que:

Este estudo consiste no trabalho de Conclusão do curso de Psicologia, sob orientação do professor Leandro Castro Oltramari, do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. O objetivo desse estudo é Compreender a percepção de crianças, filhas de pais em processo de separação conjugal a respeito da separação. Para isso, será aplicado um teste do Desenho da Família e serão realizados questionamentos referentes ao desenho ao final. Este estudo é de fundamental importância, pois esse projeto contribuirá com o psicólogo na produção de conhecimento científico, auxiliando o profissional dentro da escola, do hospital e da sua clínica. O tempo de duração da aplicação do teste do Desenho da Família e seus questionamentos serão de aproximadamente 50 minutos. Eu, em nome de _____, posso escolher ou não que meu filho participe desse estudo. Isto não implicará em quaisquer benefícios ou prejuízos pessoais. Caso meu filho realize o teste proposto pela pesquisadora, ele estará participando desta pesquisa. Estou ciente de que posso desistir do estudo a qualquer momento, inclusive se meu filho já tiver finalizado todo o processo. A colaboração de meu filho com esta investigação é fundamental para que a pesquisadora possa responder a questão de pesquisa e desenvolver seu trabalho. Estou ciente que mesmo com a minha autorização, é preciso que meu filho também aceite participar da entrevista. Estou ciente de que existe a possibilidade dessas crianças se mobilizarem ao falar da separação, se isto ocorrer, a pesquisadora se disponibilizará, junto com seu orientador a realizar atendimentos psicológicos, com fins de evitar qualquer tipo de prejuízo psicológico para as mesmas.

Pessoa para contato: Tatiana Ramos de Oliveira

Telefone: 91434477.

Av. Pedra Branca, 25. Palhoça – SC

tati1807@gmail.com

Nome dos responsáveis : _____

RG: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi, de forma clara e objetiva, todas as explicações pertinentes ao projeto e que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim.

Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Local e Data : _____

Assinatura : _____

Adaptado de: (1) South Sheffield Ethics Committee, Sheffield Health Authority, UK; (2) Comitê de Ética em pesquisa - CEFID - Udesc, Florianópolis, BR.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO DE GRAVAÇÃO**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL
CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÕES**

Eu _____ permito que o grupo de pesquisadores relacionados abaixo obtenha gravação de minha voz para fins de pesquisa científica.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Nome dos pais ou responsáveis: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Se o indivíduo é menor de 18 anos de idade, ou é legalmente incapaz, o consentimento deve ser obtido e assinado por seu representante legal.

Equipe de pesquisadores:
Nomes:

Leandro Castro Oltramari e Tatiana Ramos de Oliveira

Data e Local onde será realizado o
projeto:
